

de Santo Amador (1577) e J. Cardoso no *Agiológio Lusitano* (Lisboa 1657) já desenvolve a lenda de Santo Amador e seu discípulo e da guarda dos seus ossos num cofre forrado de setim¹. Além disto, justifica a sua narração dizendo que ela lhe constou de um *sumário de testemunhas tirado pelo licenciado Miguel Freire Machado, prior de S. Miguel da vila de Monsanto, arcepreste nela e seu distrito a 17 de Julho de 1640 e de outros papéis e relações de pessoas fidedignas naturais dela* (Monsanto), *nas quais se conserva mui fresca a tradição*². Informa ainda que Santo Amador é invocado para maleitas, trazendo os enfermos terra da sua sepultura (debaixo do altar-mór) ao pescoço e ainda para o pulgão e lagarta dos campos; e S. Pedro (a imagem milagrosa)³ para quebraduras (*op. laud.* t, II, pp. 32 e 33).

A. P.

Os registos de santos⁴

Catálogo dos «registos» compreendidos em 4 volumes in-folio grande que pertenceram a Anibal Fernandes Tomás, e hoje estão na posse do Museu Etnológico Português¹

Introdução

Preâmbulo.—I) Significado etnográfico dos REGISTOS de santos.—II) Significado artístico dos mesmos REGISTOS.

Preâmbulo

O povo, isolado dentro da sua acção, isto é, ao abrigo de toda a sugestão exterior e directa, manifesta nas múltiplas provas de vitalidade uma feição própria. Ao atentar nestas práticas, observam-se

¹ Do *Agiológio* a extraiu o P.^o Manuel Bernardes para o seu *Pam partido em pequeninos*, que serviu de texto ao Sr. A. Tomás Pires nas suas *Investigações etnográficas* publicadas na *Revista Lusitana*, XII, 62.

² Penso que não existe o volume impresso, a que se refere uma notícia da *Enciclopedia das Famílias*, t. VIII, p. 85: *O Castelo de Monsanto*.

³ A imagem existente, que é de madeira, parece dos fins do séc. XVII; é um S. Pedro litúrgicamente enluvado, sentado, na mão esquerda as chaves, na dextra o gesto de benzer à latina, na cabeça a tiara; face barbada. Em 1613, fundou-se em Monsanto uma irmandade de S. Pedro; informação do Sr. Dr. José Ferreira da Trindade, para quem o meu agradecimento.

⁴ Estes quatro volumes foram comprados para o Museu pelo seu Director, o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, que me encarregou de estudar os *registos*, e de os catalogar. Cf. a *História do Museu*, pelo mesmo, Lisboa 1915, p. 231, nota.

caracteres originaes, que são de um alto cunho de documentação a fornecer à sciência contemporânea: no campo social, religioso, histórico e da psicologia étnica, sôbre a base comum da evolução histórica¹.

É difficil precisar claramente em que sentido se aceitará a acepção de *povo* no estudo da etnografia. A etnologia estuda o agrupamento em globo, o aglomerado natural dos povos², enquanto a etnografia é a parte descriptiva referida ao que de individual e de tradição haja na vida dêsse agrupamento, trate-se de povos antigos, extintos ou dispersos³, seja de povos de hoje. Ora confinando o vocábulo ao significado restrito de classe desprivilegiada de meios de fortuna e de cultura, cair-se-ia na classificação artificial de pôr a um lado uma classe (o 3.º braço das velhas Côrtes Gerais) ligada, por definição, a fórmulas tradicionais, e do outro os individuos que se lhe contra-põem, e que afinal ou conservam as mesmas tradições, ou apenas tem estas modificadas. E a idiosincrasia nacional tanto a representam ainda, nestes tempos, as camadas superiores como as inferiores da população de um país. Os *milagres*, os ex-votos, as promessas de toda a espécie, fazem-nas todos os crentes sem distinguir classe, e apenas o objecto oferecido ou o acto de culto difere na riqueza⁴ e perfeição; os velhos romances, velhos *contos da carochinha*, provérbios e senten-

¹ As sciências, que fornecem material para o estudo de um povo, são comprehendidas, mais ou menos largamente, tanto nas páginas de revistas, como nas secções de institutos scientificos e museus que tem por fim o conhecimento dêsse povo. Vid. noticia de pormenor na *Revista Lusitana*, vol. xvi, pp. 303 e 304, texto e notas, artigo «Etnologia» do Dr. José Leite de Vasconcelos.

² Vid. Deniker, *Les races et les peuples de la terre*, 1910, p. 3.

³ Nos povos extintos incluem-se os agregados nacionais da história antiga, v. g. de Grécia e Roma; a bibliografia é larga; por exemplo: *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, de Daremberg & Saglio; *Dictionary of greek and roman antiquities*, de Smith (London, 1901); *Reallexicon*, de Robert Forrers; Marquardt, *Vie privée des Romains, Le culte chez les Romains, Manuel de l'antiquité romaine*; Friedlaender, *Histoire des mœurs de Rome*; Otto, *Die Sprichwörter der Römer*; Sttil, *Die Gebärden*; toda a biblioteca de estudos dos cristãos primitivos (Ruinart, *Actes*; Rossi, *Roma sotterranea*; Kraus, *Real-Encyclopädie*; Becker, *Gallus*; Allard, *Histoire des persécutions*; Péra, *Manuel d'Archéologie Chrétienne*, etc.). Disperso é o povo judaico, de que há *The Jewish Encyclopedia* (vid. por ex. *Amulet*), e especialmente em Portugal, *Os Judeus em Portugal*, de Mendes dos Remedios (Coimbra 1895), *Geschichte der Juden in Portugal*, de Kaiserling (Berlim 1867), *Memórias sôbre os Judeus em Portugal*, de Ferreira Gordo, in «Memórias da Academia Rial das Sciências», iv, 2, e *Rev. Peninsular*, II, 520 e sgs., Lisboa 1856, etc.

⁴ Vid. *O Arch. Port.* xix, p. 152 e sgs.; *Religiões da Lusitania*, de Leite de Vasconcelos, III, 595; *Portugalia*, II, pp. 189 e 192 (artigo de Rocha Peixoto).

ças, lendas e anexins, superstições, tudo se rodeia na alma nacional, sem indagar de idade ou altura de classe; bruxarias mais ou menos modernizadas¹ continuam em muitos casos capítulos de antiga magia; as rendas de Viana e de Peniche, o velho croché, mantas e tapetes de farrapo, e outras indústrias nacionais, ascendem em valor estético e técnico segundo as mãos que as fabricam, mas conservando caracteres típicos, de mistura com outros de importação. E se superstições se prolongam de baixo para cima, também nas classes menos rústicas ou mais cultas há curiosidades de notar, como por exemplo o entranço e recorte de pano e papel para marcas², e certas crendices como o receio do número treze³. Ratzel definiu a etnografia como sendo o estudo descritivo dos povos para mostrar as diversas condições de civilização⁴; é a modalidade actual desta sciência⁵; e, neste caso, Povo significa o todo nacional. Por certo que há necessidade de uma aclaração; no estudo das formas tradicionais, que se vem grupando sucessivamente, o povo⁶, sendo o receptáculo dos velhos usos e costumes, e representando a inércia do passado contra os desequilíbrios e oscilações do presente, será o objecto principal, embora não único.

Assim quando se diz, neste sentido, *povo*, querer-se há fazer referência à parte da nação que, sem cultura ou com os mais fracos vestígios dela, entregue ao seu instinto e intelligência rude, vive fora ou longe da acção modernizante da civilização; entendendo-se no entanto que essa influencia do passado se não confina aí. E duma forma geral, ficticia, mas por agora passável, podíamos dividir o *povo*, no

¹ Vid. diáriamente anúncios dos jornais. Leite de Vasconcelos, *Ensaio Ethnographico*, III, p. 179.

² *Artes e Indústrias portuguezas*: «o Vidro e o Papel», de Sousa Viterbo, pp. 49-50; e do mesmo um artigo no *Diário de Noticias*, de 7 de Janeiro de 1897.

³ A superstição do número 13 tem um carácter de adaptação nas classes elevadas, comparável ao *signo-saimão* usado nas camadas baixas. Se os Ingleses não usam o número 13 nas suas casas, cá, sem esse exagêro, o número 13 traz-se em medalhas como amuleto, e não são os analfabetos que as usam, nem se misturam frequentemente com o *signo-saimão, figas e meias luas*. No Museu Ethnológico há, na secção estrangeira, amuletos de «número 13», provenientes da França, Belgica e Itália.

⁴ *Völkenskunde*, I, 5, 6.

⁵ *Rev. Lusitana*, XVI, p. 304, artigo «Etnologia», de J. Leite de Vasconcelos, já citado.

⁶ Aqui, quero dizer: classe popular. É corrente, no ponto de vista histórico-social, fazer a classificação de classes altas e classes baixas; é uma formalidade que o uso consagra; passe.



*Deu a sinistra na freg.ª de S. Pedro do
Parocho Conc.ª de Paiva Diocese de Porto...*

(Gravura popular)

significado geral, em *povo culto* e *povo inculto*, sem atender a explicações que levariam muito longe, tam artificial fica a classificação. Mas, assim mesmo, é tolerável no ponto de vista dos estudos etnográficos.

I

Significado etnográfico dos registos

Culto dos Santos; peregrinações de Roma e Jerusalém; romarias e cirios; significação do termo *registo*; caracteres e uso do *registo*; as imagens populares dos Santos; bibliografia. Os plebeismos dos *registos*. Comparação de factos congêneres, estrangeiros.

Entre as fórmulas rituais do cristianismo triunfante, figura o justo culto dos Santos, que aos crentes e aos homens duma nação explica a força moral do reconhecimento das virtudes humanas¹. Desde os tempos apostólicos, os crentes da religião nascente no império dos Césares faziam visitas piedosas aos lugares dos mártiros e das reliquias dos mártires das perseguições imperiais.

Os romeiros iam a Roma orar ante os túmulos dos mártires, *romeavam* (e de aí lhes veio o nome), e foram depois a Jerusalém visitar os Lugares Santos². Durante as perseguições, as romarias eram secretas, e só Constantino³, reconhecido pelo édito de Milão (313) e admitido oficialmente (323) o cristianismo, permitiu livre prática ao

¹ «Nous avons prouvé, qu'on peut avec droit honorer les saints, pourvu qu'on outre passe par certains bonnes prescriptions». *Système de Théologie*, Leibnitz, p. 195. Diz S. Cipriano, in *Epistola 37 ad Clerum: Omnium quidem Martyrum memoria laeta solemnitate calenda est*. Por onde se vê que as festas religiosas, em que se celebrava a comemoração dos mártires, no aniversário do martírio, não eram festas fúnebres, mas glorificadoras.

² Eusébio, no cap. xi do liv. vi da *Hist. Ecclesiastica* dá noticia das visitas dos peregrinos aos Lugares Santos, e às sepulturas e reliquias dos Mártires. Os lugares visitados eram os que andavam ligados, não só à vida de Jesus Cristo, mas também aos passos da História Bíblica. Entre elles eram os principais: Jerusalém (Calvário e Sepulcro), Vale de Josafá (lapidação de Santo Estêvão), Monte Olivete (Oração de Jesus), Vale de Siloé (fonte onde a Virgem lavou os panos com que apresentou o Menino Jesus no Templo), Monte de Sião (onde foi enterrada a Virgem, e de onde os Judeus a quizeram tirar), Belém (nascimento de Jesus), Betania (milagre da ressurreição de Lázaro), etc.

³ Constantino serviu-se dos Cristãos contra os rivais. Protegeu-os depois da batalha histórica de ponte de Milvio (hoje de Molle) contra Maxêncio (312). Seguiu-se, em Janeiro de 313, o édito de Milão (P.º Syxto, *Notiones archaeologiae christianae*, I, p. 138 e sgs.) e o de 321 que concedia aos Cristãos os privilégios dos outros cidadãos de Roma. Só após a vitória de Andrinopla, sobre Licínio (323), admitiu o Cristianismo religião do Estado.

culto dos Cristãos, mandando elle próprio destruir o templo de Vénus, no alto do Calvário. A própria mãe do Imperador foi a Jerusalém. Levantavam-se templos; em todo o império romano, as perseguições fizeram vítimas, e na África, na Ásia, como na Europa, em povoados e no deserto, elevaram-se santuários em memória dos mártires¹, o que a família imperial fazia também². A imperatriz Eudóxia³ esteve também nos Lugares Santos, onde a mãe de César edificara dois templos. As festas religiosas eram locais e celebravam-se nos aniversários dos martírios.

Roma era mais perto para as nações do Ocidente, e as peregrinações foram aí mais numerosas. Os príncipes, o clero, a nobreza, concediam facilidades aos romeiros, e espalhavam albergarias pelo caminho. Com o ataque dos Mussulmanos a Jerusalém, organizaram-se as cruzadas, que não passavam de romarias militares, em que os cavaleiros tinham maiores garantias de perdão para as suas culpas e para a redenção final.

Na Idade Média, o misticismo, a opressão, a lenda árabe, ampliaram a crença dos milagres. Multiplicaram-se as romarias. A cada passo aparecia uma imagem da Virgem a uma pastorinha inocente, ou a um pescador aflito; e os locais que tocavam a imaginação popular, rochas das arribas ou lapas e furnas dos tesouros mouriscos, animavam-se com o aparecimento da Virgem, crecção de templos e a corrida de romeiros. Toda a lenda mediéfica e todos os prodígios similares de eras posteriores (Vid. no *Catálogo dos Registos*, Parte I, Senhora da Rocha, 1.º quartel do séc. XIX), se sobrepueram e trouxeram até hoje o culto das imagens milagrosas, dos Santos curandeiros, e o uso não esquecido das romarias festivas.

Nos sécs. X a XIII a principal romaria ibérica era a de S. Tiago de Compostela, aonde, segundo o povo ainda hoje diz, quem não vai

¹ Em Lisboa ainda hoje há duas paróquias, que tem por orago os mártires Veríssimo, Máxima e Júlia, vítimas das perseguições dos Romanos. E elas mesmo tem a invocação de Santos: *Santos-o-Velho*, com a matriz no lugar da ermida sepulcral, e *Santos-o-Novo*, para onde as reliquias foram trasladadas no tempo de D. João III. Vid. no *Catálogo de Registos*, Parte I, e in *Descrição do Reino de Portugal*, de Duarte Nunes de Leão (1610), fls. 71 v.

² Constantino destruiu o cemitério do Vaticano, e mandou construir sôbre o túmulo de S. Pedro (*memoria* erigida por Anacleto, 4.º Papa) uma basílica (S. Pedro do Vaticano).

³ Proémio do liv. VII sôbre Ezequiel e Eustáquio, de S. Jerónimo, e Sezomeno no liv. II cap. XXVI, da *Hist. Ecclesiastica*.



A VENERANDA IGMAGEM DO SENHOR DA FONTE DA VIDA.

erecto no extincto Convento da Franqueira suburbios da Villa de Barcellos.

S. Exc.^o Rev.^o o Sr. Arcebispo Primaz, concedeu vinte dias d'indulgencia a todos aquelles que confessados, e tendo recebido a Sagrada Communhão; visitarem esta Imagem naquella Igreja, orando ali pelo augmento espirital e temporal da Cristandade, prosperidade do Reino e pelas Almas do Purgatorio

(Gravura popular)



S. BENTO DA PORTA ABERTA
Venera se na freg.^ª de RioCaldo suburbos do Gerês.

(Gravura popular)

em vida, chega depois da morte¹. Mas as principais afeições iam para as imagens da Virgem, que os Reis de Portugal sempre favoreceram: Senhora de Terena ou Senhora da Boa Nova², Senhora da Oliveira de Guimarães³, Senhora da Nazaré⁴, etc.

Das romarias provêm os círios, que são romarias procissionais. Não as substituíram, colocaram-se-lhes paralelamente. À parte de antigos templos elevaram-se outros, sob novos milagres (Atalaia, Cabo, Penha, Rocha⁵, etc.), que novas romarias provocaram. Na Extremadura radicou-se, e sobretudo na região de Lisboa, o uso dos círios, em que as irmandades, em procissão, com andores, anjos, e música, cobertas «da venerável poeira dos peregrinos⁶», iam de visita aos santuários. Alguns tinham o título de Rial⁷: «o da prata», que era o da Nazaré, e o da Senhora do Cabo de Espichel. «Além das do Alentejo são vinte e oito as Freguesias do Termo de Lisboa

¹ Vid. *Catálogo dos Registos*, Parte I, S. Tiago. Lá iam os romeiros, de bordão, a cabacinha no alto, largo chapéu e conchas na murça. Ainda hoje o povo chama à *via lactea a estrada de S. Tiago*, por onde as almas vão para os céus, o que se liga com a superstição apontada no texto. No romance popular a *Justiça de Deus* (Romanceiro de Garrett, ed. da Livraria Moderna, Lisboa 1904, 1, pp. 231-232) vem um romeiro de S. Tiago assim descrito:

Ao seu bordão encostado
Vieiras traz na esclavina
O chapeo d'ellas cercado

e depois

despe insignias de romeiro.

(Beira Alta)

Vid. *Ensaíos Ethnográficos*, Leite de Vasconcelos, III, 199.

² *Cantigas de Santa Maria*, de Dom Afonso o Sábio, ed. da Real Academia de España (Madrid 1889). Cantigas · CCLXXVI, · CLXXXVII, · CLXXXVIII, · CLXXXIX, · CCXIII, · CCXXIV, · CCLXXV.

³ *Livro de Mumadona*, escritura, a fls. 23 v, citado por Pereira Caldas in *Guimarães*, II, p. 18. *Guimarães e Santa Maria*, de Oliveira Guimarães, Abade de Tâgilde, pp. 55-57; *Cidades e Villas de Portugal*, de Vilhena Barbosa, I, 197-198.

⁴ Vid. *Catálogo dos Registos de Santos*, Parte I, s. v. Nazaré. A capela foi edificada por D. Fernando, em 1370 (*A Nazareth*, in *As praias de Portugal*, de Ramalho Ortigão, 1876, p. 99 e sgs.).

⁵ Vid. *Catálogo dos Registos de Santos*, id., id., nos respectivos nomes.

⁶ Diz no livro *Le Portugal à vol d'oiseau*, na tradução portuguesa a p. 24, M.^{me} Ratazzi, numa das poucas vezes que se mostrou delicada e precisa ao referir-se a Portugal.

⁷ Vê-se nos *registos* da Senhora do Cabo, e dá notícias o P.^o António de Vasconcelos, in *Descriptio Regni Lusit.*, 536.

que com seus Círios a (Nossa Senhora do Cabo) festejão¹. Havia as mesmas facilidades concedidas aos Romeiros².

Eram estas as festas que o povo aproveitava, e hoje ainda o segue fazendo, para, à maneira clássica, satisfazer a crença e os gostos da folia. Ainda não há muito que as festas eram acompanhadas de representação de autos³, que a princípio se fizeram dentro das igrejas, no maior excesso das festas orgiâcas da Grécia às divindades da Terra e do Inferno⁴.

As partes essenciais das romarias são duas: arraial na véspera, e o dia das festas de igreja, com procissão e cumprimento de votos. Alguns santuários tinham adjuntas moradias e acolhidas onde se preparavam para a comunhão festiva os romeiros de maior crença, que assistiam a novenas e prazos preparatórios. Noutros, dormiam na própria igreja, de que advinham mais ou menos graves prejuízos⁵. A presença dos romeiros foi marcada pela posse do *registo* do Santo festejado, como antes o era pelas insígnias, e então, e hoje ainda, pelas medalhas também. A par e como derivados dos *registos* encontram-se as *verónicas* e as *medidas*⁶.

As irmandades mandam que se façam *registos*, que em harmonia com os recursos locais e da confraria (materiais e espirituais) são de

¹ *Crónica da Provincia da Arrábida*, Parte I, liv. 1, cap. 5, p. 19.

² Uma *bula apostólica*, confirmada em 15 de Maio de 1585, condena e proibe impedimentos em terra e no mar, feitas aos romeiros da Senhora do Cabo. No arquivo de Cezimbra existe um «rial aviso» do Principe Regente D. João (depois VI), que proibe a exploração dos romeiros pelos vendedores, no arraial.

³ Cf. Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, II, 132-133; e *Minho Pitoresco*. «Comédias».

⁴ Outros destinos tinham ainda os templos da Grécia. Em Delos e Olímpia, célebres 1000 anos A. C. como os centros religiosos mais importantes da Héliada, os templos funcionavam como bancos. C. Diehl, *Excursions archéologiques en Grèce*, p. 167.

⁵ *In Portugalia*, II, 104: «Os tremedores em Portugal no séc. XVI», de Pedro de Azevedo.

⁶ *Verónicas* são gravuras como as dos *registos*, guardadas dentro de caixilhos de madeira ou de papelão, com ou sem vidro; as de papelão são muito enfeitadas com lantejoulas e fios prateados, e suspendem-se ao peito; as de caixilho de madeira ou de papelão com vidro são maiores e formam pequeninos oratórios. *Medidas* são fitas franjadas, com o nome ou iniciais do Santo festejado, escrito a letras negras ou douradas; ao centro tem um *registo* minúsculo, do Santo. Talvez primitivamente, para justificar a designação, representassem estas fitas alguma *medida* da imagem do Santo respectivo, ou fôsse uma medida uniforme para as fitas.



(Gravura popular)



Coimbra,

MILAGROSA IMAGEM DE S. JORGE M.

Que se venera na sua Capella em Eira-Pedrinha.

(Gravura popular)

papel, de cartão, de pano ou de sêda. Acontece também serem os *registos* oferecidos por um devoto, (um da S.^{ra} de *Água de Lupe* «Guadalupe»), vol. II, p. 73. Alguns tem as figuras urdidas na tela de sêda. Uns são microscópicos (alguns da Senhora da Nazaré e da Rocha não vão além do tamanho duma estampilha), outros são enormes de *in-folio*. Ora são pintados, ora incolores. Representam o Santo com os seus attributos do *Flos Sanctorum* ou dos *Acta Martyrum*, ou passos da Paixão (se são de Cristo), episódios da vida da *Hist. Eccles.*, do martírio, alegorias morais (mistérios da Trindade, da Conceição, do Sacramento), alegorias concretas (os Santos com as mutilações do martírio, ou representações dos males de que protegem, v. g., Santa Luzia com os olhos numa salva na mão direita e palma na outra, S. Marçal e a casa em chamas, etc.). Envolvem as imagens nas mais ricas cercaduras, de molde clássico ou de fantasia; ou encaixam-nas em pórticos por vezes pomposíssimos, e também em retábulos de altar. Por vezes dependuram-se nas colunas e pilastras do pórtico os *ex-votos* de doenças que o Santo curou. Completam, muito freqüentemente, o quadrinho, versículos da Bíblia, psalms e orações, e informe das indulgências a quem reze na frente dessas imagens. Os Santos apparecem também envolvidos na paisagem, que, na feição mais humilde, tem uma característica dum curioso naturalismo comparável ao das cantigas do povo. Os Santos também são representados dentro de grinaldas de rosas, entremeadas de medalhões com scenas de martírio e passos da Paixão (nos de Cristo ou da Virgem).

As antigas reliquias¹ e rosários bentos dos romeiros sobrepõem-se o uso do *registro*. Assim como as romarias formam o calendário perpétuo da aldeia, os *registos* são bilhetes de compromisso para os crentes e páginas de memórias para os namorados. E à volta da romaria, elles vão ou para o oratório, guardar as indulgências no santuário doméstico, ou para as arcas e gavetas e paredes, ou para o ferro-velho das feiras².

O *Registro* registava pois o dever cumprido; o nome applicava-se também às marcas de livro (vid. *Dicionário* de Cândido de Figuei-

¹ No *cœmeterium majus*, catacumba de Roma, onde estava sepultado S. Pedro, ardia diante da *cathedra* do Santo uma lâmpada. Os peregrinos levavam, no regresso ao lar, óleo da lâmpada como reliquia. *Oleum de sede, ubi prius sedet Sēs Petrus*.

² Diz Garrett no cap. IX das *Viagens na minha terra*: «Levei bons puchões de oreilhas de meu pai por comprar na feira de San' Lázaro, no Pôrto, em vez de gaitinhas ou de registos de santos...».

redo), e tinham figuras de Santos. Diz Bluteau: *Alicujus Sanctus imago* ou *effigies*, por exemplo, *Christi resurgentis effigies* (*Vocabulário*)¹.

Não se referem a *registos* de romarias. Embora o fim condiga com o nome, êste veio por certo das marcas de livro com uma *Sancti imago*. Quando principiou êste uso? Pode supor-se que desde a divulgação da gravura em madeira, no séc. XVI; mas em Portugal só a partir do séc. XVII² há exemplares conhecidos, e estes em nada distintos das gravuras da *literatura de cordel*³. Na revista suíça *Anzeiger für Schweizerischen Altertumskunde*, vem reproduzida uma *Präsenzettel* (repare-se no nome expressivo) que era entregue aos romeiros da capela da Virgem, em Pflaresbach, «para recordação e prova de presença»; foi encontrado na capa dum livro de Estrasburgo, de 1505⁴.

A acção da figura sôbre os espíritos aumenta com as recordações católicas o brilho das romarias. É a recordação palpável dum dever que se cumpriu. Mas nem só a religião popular tinha aí uma das melhores manifestações, ou a melhor, mesmo. O *folk-lore* enriquecia-se ou desenvolvia-se livremente. Da romaria vem de regresso os bandos, cantando ao desafio, cheios de sol e de pó, animados das libações. Aí se forjaram cantigas e romances⁵. Nas canções do povo muitas quadras se referem a santos e romarias⁶. Andam em várias

¹ *Vocabulário*, s. v. *registro*.

² V. g., volumes da *Colecção de registos*, III, 190.

³ In *Portugalia*, I, 497-502 artigo do Dr. Teófilo Braga.

⁴ Taf. XIV, n.º 4, 1900, pp. 264-65, artigo de H. Herzog.

⁵ Diz Garrett nas *Viagens na minha terra*, fim do cap. xxx: «êste (poema de Santa Iria) visivelmente nasceu nos arraiais, nos oragos dos campos, e por »si tem vivido até agora».

⁶ Senhora dos Remédios,
Vinde abaixo, dai-me a mão:
Sou romeiro novo,
Abafo do coração.

Rev. Lusitana, IX, p. 246, quadra 117, do artigo «Tradições populares e linguagem de Vila Rial», por António Gomes Pereira. Lembrar «A Romeira», Garrett, *Cancioneiro*, II.

A Senhora da Abadia
Tem uma fita no braço,
Quê le dero os anjinhos
A 25 de Março.

Rev. Lusitana, XVII, p. 309, «Tradições de Santo Tirso», de Pires de Lima.



O S.^o JESUS D'AGONIA
Que se venera na sua Egreja em Arganil

Lith. de MM. N. 1860

Lith. de MM. N. 1860

(Gravura popular)



(Litografia popular)

linguas românicas provérbios semelhantes, concernentes a romarias ¹. Restam danças e farças populares nas romarias e festas tradicionais: dança do Rei David nas festas de S. Geraldo, em Braga; charolas e danças de Nossa Senhora do Couto, em Arcozelo da Serra, etc.².

*

Mas os *registos* não valem, dentro da etnografia, apenas pelo prestígio da imagem, merecem também a atenção como estampa de artistas populares. Constituem um ramo da estamperia popular. A gravura não é de invenção popular; mas, desenvolvida ela, bifurcou-se em dois braços: gravura culta e gravura rude ou rústica. No séc. XVIII e XIX os dois braços desenvolveram-se a par, e há registos rudes, de desenho primitivo, coloridos a tinta de água ou a lápis, e há-os artísticos firmados por Domingos Sequeira, Vieira Lusitano, Debrie, Bartolozzi, etc.³, nacionais e estrangeiros. É o mesmo que se dá com os santeiros e pintores de *milagres*. A gravura em madeira foi suplantada pela metálica, e mais tarde, ressuscitada a xilogravura, teve por concorrentes a fotogravura e a litografia. Este processo, simples, barato, cómodo, igualando na mão de artistas rudes o efeito bronco mais ou menos decorativo das primeiras, deminuiu o uso da

¹ «As romarias e às bodas vão as loucas todas» (A las romarias y a las bodas van las locas todas). «Bem vai ao romeiro se lhe esquece o bordão». «Não há romeiro que diga mal do seu bordão», etc. Como das romarias nem sempre os romeiros voltam como foram, diz-se na Estremadura:

Boa romaria faz
Quem na sua casa está em paz.

² «& a continua solemnidade com que todos os meses do anno se celebra em todas as igrejas (o Santíssimo Sacramento), e a muita veneraçam & alegria com que se festejão as festas de Deos & dos Sanctos»... «Todo o anno se ouvê cantares, tangeres, & danças nas festas dos Sanctos».

Duarte Nunes do Leão, *Descrição do Reino de Portugal*, 1610, fls. 124.

³ Para completar a série de enumerações de efeitos das romarias não se deve esquecer, além dos bons mercados de indústria rústica que eram, o pretexto que deram a obras de arte. Os *registos* artísticos estão mencionados, e a Parte II os integra na *História da Arte*. Há os azulejos do séc. XVIII com scenas populares de festejos e danças; é conhecida a ermida da Memória, na Caparica, onde em azulejos está pintada a lenda da Senhora do Cabo por obra de António Oliveira Bernardes (José Queiroz, *Cerâmica Portuguesa*, pp. 232 e 241). E entre os pintores de Portugal nestes tempos de realismo nacional pintaram scenas de romarias Alfredo Keil (que também na ópera *A Serrana* as inclufu logo no 1.º acto, com cantares ao desafio), Silva Pôrto, já falecidos, e José Malhoa. Também a gravura de medalhas tem applicação nas romarias e festas de orago, mas em Portugal não se dá isso muito, e correm medalhas francesas de Lourdes e do Sacré Cœur, de Paris, e outras italianas, principalmente.

gravura; e na mão de artistas médios, como os litógrafos de Coimbra, ainda êste processo adquire sumptuosidade, falsa mas vistosa, em detrimento da velha gravura. Hoje os *registos* são ou aproveitados de velhas chapas metálicas, ou litografados, ou, e em maior número, fotogravados.

Êste carácter lhe dão, à gravura popular, anónima, gravura baixa, as seguintes obras pelo menos: *Histoire de l'Imagerie populaire flamande*, de Van Heurek et Boekenooen (Bruxelas 1910), *Alte Deutsche Schwänke*, do Dr. Owiglass (de Munich), *Histoire de l'Imagerie populaire*, de Champfleury (1849), *L'imagerie populaire de Turnhout*, nos *Annales de l'Académie Royale d'Archéologie de Belgique*, vol. LXIV, 6.^a série, tomo IV, pp. 305 a 332, artigo de Emile Van Heurek, e artigo de Teófilo Braga a pp. 497-512 da *Portugalia*, I.

Outro característico dos *registos* populares era a adaptação da mesma chapa a diversos santos identificáveis, para o que se não gravavam os nomes e eram manuscritos, ou se lhes applicavam depois, o que facilmente se conhece.

*

A proveniência de grande parte, mesmo da maior parte, trai-se, além da rudez artística e técnica, no uso de incorrecções da linguagem popular, adaptando a seu dizer, os artistas, o nome dos santos e o nome das terras dos santuários. Até em Lisboa, por exemplo nas casas da rua da Padaria e na do Rubi ao Chiado, se encontram por via de regra plebeísmos desta ordem. Estes *registos* de Lisboa não eram só para as romarias de fora da cidade; em Lisboa havia festas como as de Santo António, e das numerosas imagens das ermidas, igrejas e conventos, que não escapando ao uso do *registro*, na sua renda e significado religioso, não incluíam porêem romaria.

Em apêndice faço resenha dos principais e mais curiosos plebeísmos referidos.

*

Em Espanha continua a romaria de S. Tiago de Compostela¹, e de milagre moderno é venerada a Senhora de Monserrate². Em França tem celebridade nacional e até mesmo internacional, o que já acon-

¹ «Na igreja de Sãctiago de Galliza se vê a maior alãpada de prata q̃ nella »arde q̃ el Rei Dõ Manuel offereceu, cujo perpetuo lume se sustenta cõ renda »q̃ el Rei mandou cõprar».

Duarte Nunes de Leão, *Descrição do Reino de Portugal*, 1601, fls. 125 v.

² Vi um curioso *registro* espanhol de *Nuestro Señor del Consuelo*. É uma gravura em madeira do século passado. Ao centro está o Crucificado, com a Virgem



SANTO ANTONIO DOS OLIVARES.

*Obis. S.º Archebispo Bispo de Coimbra Concede 40 dias de Ind.
dulgencias a q.º rezar um P. N.º e uma A. M. G. Paes diante
desta Sonageta.*

D. José J.

1858



Lith de J^o das Dores em Coimbra

Doves E.

DESCIMENTO DA CRUZ.

(Litografia popular)

tece desde os tempos do templo primitivo em S. Tiago de Compostela, as festividades de Nossa Senhora de la Salette, de Lourdes (*Vierge bleue*) e de Chartres (*Vierge noire*). A Lourdes belga é o *Refúgio da Ave Maria*, junto de Namur, em uma gruta. Na Itália, a principal romaria é de Nossa Senhora do Loreto que deu lugar à indústria local de rosários, de contas montadas em fio de metal muito fino, para uso dos fiéis e dos peregrinos¹; nas antigas romarias dos Abruzzos havia tabernaculozinhos e bordões que os peregrinos levavam, por exemplo, a Nossa Senhora do Loreto e a Casalbordino²; é célebre também a festa popular da virgem negra de Monte Carmo, em Nápoles. No artigo de Van Heurek, já cit., «L'imagerie populaire de Turnhout», vem representadas gravuras de santos, e umas bandeirinhas triangulares de papel com scenas religiosas e de oração, que osromeiros levavam (est. n.º 22, *A nostre Dame de Misericorde pres de Marchienne-au-Pont*); Resens na *Archéologie Chrétienne* refere-se também a estas bandeirinhas, que substituíram as placas de insígnias, e as medalhas de devoção, muitas destas encontradas em Sambre, Namur, Antuérpia, etc. (pp. 450 a 453 do vol. II). Da Suíça foi recordado já um exemplar de *Präsenzettel* do séc. XVI. Na Polónia foi célebre o mosteiro e romaria da Virgem de Jasna-Gora, junto de Czestochwa; foi o ataque deste templo fortificado, por parte dos Suecos, que levou a Polónia, dividida e anarquizada, a unir-se em massa contra os exércitos de Gustavo Adolfo³ (séc. XVII). Na Grécia é venerada com uma peregrinação anual a *Theotokos* (mãe de Deus) da ilha de Tynos, onde os navios gregos são benzidos. A *Ikona*, chamada a *Milagrosa*, está em um «nicho santo» (*Aghioma*).

Dolorosa aos pés da cruz. À volta tem quatro quadrozinhos, onde se desenham grosseiramente os milagres atribuídos à imagem, acompanhados de legendas. No canto superior, esquerdo, da cruz: três figuras, uma no centro, cercada pelas outras que a ameaçam de espada em punho: UM SOLDADO A | COMETIDO DE | ENEMIGO SE | LI | BRA INVOCANDO | A S. D. M. No canto ao lado, um Padre aproxima de um doente um crucifixo, e aparece o Crucificado: UMA MUGER | MURIBUNDA CO | BRO SALVD IN | VOCANDO SU | D. M. No canto inferior direito, vêm-se três mulheres e uma menina a adorar o Crucificado: SANAN DE MV | CHAS DOLEN | CIAS INVOCAN | DO AL SANTIS | CHRISTO. No último, vê-se uma seara, e um homem de joelhos ante o Crucificado: INVOCANDO | AL SS. CHRISTO | SE LIBRAN LOS | TRIGOS DE LAN | GOSTA. É a expressividade dos retábulos de *milagres*, passada ao *registro*.

¹ *L'art rustique en Italie*, ed. da revista inglesa *Studio*, Paris 1913, p. 24.

² *Id.*, *ibid.*

³ Conheço Jasna-Gora da tradução portuguesa do romance histórico de Henrique Sienkiewicz, *O Dilúvio*, III, cap. XXXVII e sgs. *Jasna Gora* em polaco significa «montanha resplandecente».

II

Significado artistico dos registos

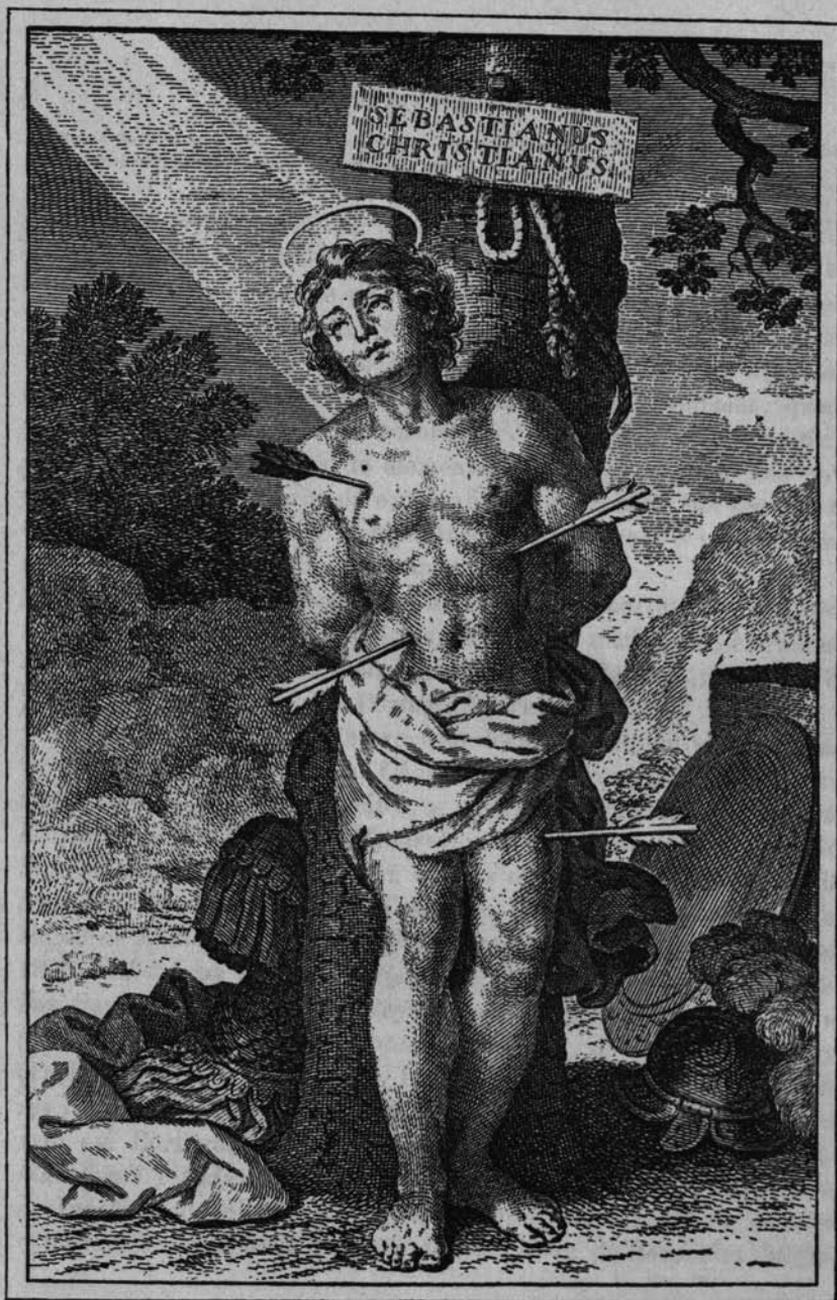
A história da arte em Portugal; seu estado presente. A Gravura portuguesa; influências estranhas; o registo artistico; elemento da história da arte. Litografia, fotografavura; côr dos registos.

A história da actividade artistica em Portugal está por fazer. A história politico-social ficou em D. Afonso III onde Alexandre Herculano a deixou; mas, se no capítulo da *História da Administração Pública em Portugal*, o Sr. Gama Barros estudou uma face da vida nacional, a parte que tivemos na estética e evolução da arte nem está preparada cabalmente, nem os numerosos problemas, que a penetram, estão em via de resolver-se. Há mesmo que discutir a orientação que a escolha de elementos tem servido, tanto nas notícias parabólicas dos críticos e narradores, sobretudo dos sécs. XVIII e XIX, como no estudo contemporâneo muitas vezes; e vai sem falar nas notícias apreciativas dos cronistas.

O que de escrito se encontra, acêrca da arte portuguesa, reduz-se a monografias, artigos de revistas, de autores nacionais e estranhos, e a capítulos de simples colocação nos livros de História Geral da Arte ou quando muito de «Portugal¹ e Espanha».

Em primeira plana de informação documental, tem de aproveitar-se os Cronistas dos Reis, as *Chancelarias* e *Arquivos Riales*, os Cronistas de mosteiros e conventos, e notícias da *Bibliotheca Lusitana*, de Barbosa Machado, da *Monarchia Lusitana*, de Fr. Manuel dos Santos, etc. Em segundo lugar vem as obras de memórias e catálogos de artistas no género de Vasari na Itália, e continuadores: *Collecção de Memórias*, de Cirilo Volkmar Machado (XVIII, impressa em 1823); *Memórias sobre os artistas de Portugal*, de António Ribeiro dos Santos, Lisboa 1814; *Regras da arte de pintura*, de Taborda (1815); *Lista de alguns artistas portugueses*, do Cardeal Patriarca (D. Fr. Francisco de S. Luís), Lisboa 1839; *Noticia de alguns pintores portugueses* e de outros que sendo estrangeiros exerceram a sua arte em Portugal, de Sousa Viterbo, Lisboa 1903, 2 vols.; *Artes industriais e indústrias portuguesas* (série), do mesmo; *Dicionário*, de Inocência da Silva, na rubrica *Retratos*, vol. III, etc.; e de labor estrangeiro: *Dicionário histórico de belas artes*, de Bermudez (Madrid

¹ V. g.: *Histoire Générale de l'Art*, de André Michel, *Le Musée d'Art*, de Münz (II), e *L'art en Espagne et Portugal*, de Dieulafoy, etc.



Visira inv. fecit. 1767

Canal Salvador sculpit.

(Gravura artística)



(Gravura artistica)

1800), e *Dictionnaire historico-artistique du Portugal*, do Conde de Raczynski (Paris 1847). A seguir e em terceiro lugar há para aproveitar algumas monografias como, por exemplo: *O pintor Nuno Gonçalves*, de José de Figueiredo (Lisboa 1909); *Cerâmica Portuguesa*, de José Queiroz (Lisboa 1907); *Olarias do Monte Sinay*, do mesmo (Lisboa 1913); *Soares dos Reis e Teixeira Lopes*, de António Arroio (Pôrto 1899); artigos de «Presépios», de João Barreira, na *Ilustração Portuguesa*, nos *Serões*; estudos dispersos de Joaquim de Vasconcelos, nas *Notas de Portugal*, II (presentemente em publicação *A arte religiosa em Portugal*) etc.; de Sousa Viterbo, n-*O Arch. Port.* por exemplo; de medalhística, de Artur Lamas id.; *Estudos históricos sobre pintura* (Viseu 1897) e *Grão Vasco ou Vasco Fernandes* (Viseu 1900), de Maximiano de Aragão, etc.; *Les arts en Portugal*, de Raczynski; artigos de Ferdinand Denis em *L'Univers Pittoresque*; *A Antiga escola portuguesa de pintura*, «sobre Grão-Vasco», de Robinson, traduzido, pelo Marquês de Sousa Holstein, da *The fine arts quarterly Review*, em 1868; etc., etc.

Da história da gravura apenas se conhecem relações e notícias insertas na segunda ordem de trabalhos atrás apontada. São notícias muito vagas e dispersas de Raczynski e Inocêncio que convêm reunir, desde o princípio da gravura em madeira nas terras de Portugal, em livro e avulso.

O estudo da gravura tem de ir ligar-se com os esforços das primeiras imprensas do país. Que os livros manuscritos eram iluminados, segue-se o proveito nas impressões de incunábulo até a xilogravura de belas chapas dos sécs. XVI e XVII¹. No séc. XVIII a gravura em metal tem o apogeu em absoluto detrimento da gravura em madeira, desembaraçada esta para as formas populares e tradicionais das estampas de devoção e marca de livros, das fôlhas volantes e *literatura de cordel*, provida de imagens nas histórias de monstros, aventuras cavalleirescas, *autos* de santos, facécias e comédias, etc.².

Notícias anteriores ao séc. XVIII há-as dispersas e recônditas. E só do reinado do Rei D. João V para diante, isto é, com a criação dos estudos históricos em Portugal, se podem haver algumas infor-

¹ Vid. por ex. descrição por Inocêncio) *Dic. Bibliogr.* I, p. 302) dos *Applausos Académicos da Universidade de Coimbra* a El-Rei Nosso Senhor D. João IV, com uma linda portada aberta a buril por Agostinho Floriano, impressos em Coimbra em 1641.

² Cf. Coleção de obras de «literatura de cordel», do Museu Etnológico Português.

mações com acêrto; tem porém de se abstrair quasi sempre das apreciações como as de Cirilo Volkmar, excessivamente metafórico e expansivo¹.

O reinado de D. João V foi uma tentativa de ressurgimento que, na arte, na sciência e na literatura, definiu um estágio nacional de actividade e iniciativa por vezes felizes. Os livros da Academia Rial de História Portuguesa (1720), sob a acção do Conde da Ericcira, Caetano de Sousa, Marquês do Alegrete, e outros, no agrado e incitamento do monarca, foram de um bom trabalho de impressão e adornados de belas como numerosas gravuras. Surgiu, porém, aqui a dificuldade: como obter gravadores em número sufficiente, bons, e dignos de uma obra rial em época de Rei Magnânimo? Portugueses, se os havia, eram poucos os bons e de marca inferior os mais, como se depreende do espírito de momento que levaria os académicos a aproveitar todas as garantias portuguesas, e foram apesar disso chamar os de fora; só em 1769 se abriu em Lisboa uma escola official de gravura, anexa à Imprensa Nacional, sob a direcção de Joaquim Carneiro da Silva, discípulo, no Brasil, de João Gomes, gravador da Moeda do Rio de Janeiro, e, em Roma, do pintor Luigi Sterni².

D. João V mandou contratar gravadores lá fora, depois da paz de Utrecht, em 1715. Encarregou dêsse trabalho o Conde de Tarouca, D. João da Silva, embaixador de Portugal na Haia³. «Impressores de estampas» e «abridores de buril» se lhes chamava. Em *O Arch. Port.*, vol. xix, pp. 31 a 40, o Sr. Pedro de Azevedo publicou dez documentos das negociações de Diogo de Mendonça Côrte Real em 1726, como representante do Rei na Haia, para contrato de Théodore André Harwyn (doc. iv)⁴, Jean Rousset (doc. vii)⁵, e Charles de Rochefort (doc. x); vieram mais Gabriel François Louis Debric ou Debric⁶, Michel Le Bouteux, Antoine Quillard ou Quigliard,

¹ Quem fizer o estudo histórico, evolutivo e metódico, da arte em Portugal não deve desconhecer a excelente obra de Cornelius Gurlitt, *Die deutsche Kunst des neunzehnten Jahrhunderts, ihre Ziele und Thesen* (Berlin 1899).

² *Diction. historico-artistique*, de Raczynski, pp. 39-40, in Carneiro da Silva.

³ Id., id.

⁴ Raczynski inscreve-o no nome de François Harrewyn, de Bruxelas, pp. 39 e 129.

⁵ O mesmo A. inscreve-o em Rousseau, como o Sr. Pedro de Azevedo corrige. (*O Arch. Port.*, xix, 31). Diz que veio por 1734.

⁶ *Diction.* de Raczynski, pp. 31 e 247. Vid. estes nomes, e os que se seguem, na Parte II do *Catálogo dos registos*, por ordem dos gravadores, etc.



Fou e del por D.^o A.^o de Siquiera

Gravada e Officida

N SENHORA DO CABO

*A. S. Allexa Real e o Senhor D. Joao
Principe do Brazil.*

por Gregorio Fran.^o d'Assis, e Quiróz

(Gravura artistica)



**OS GLORIOSOS SS. MM. DE MARROCOS
PROTECTORES DE COIMBRA**

*O Sr. N.º Sr. Ap. concede 200 dias de Indulgencia a todos os fiéis
alistados na R. e Devota Irmandade dos S. S. MM. de Marrocos
que rezarem a S. N.ª e S. M.ª diante desta Estampa
rogando pelas lenções do costume.*

(Gravura artística)

todos na primeira metade do século, ou seja no reinado de D. João V (1706-1750). Em Lisboa apenas se juntam a estes gravadores os portugueses Francisco Vieira (*Vieira Lusitano*), e os que, desenhadores e pintores, se animaram na compita com eles, como: Joaquim Manuel da Rocha, António Joaquim Padrão, Joaquim Carneiro da Silva¹.

Este último foi o mestre do primeiro curso de gravura, já mencionado, que produziu bons artistas. Os livros da Academia de História vem cheios de belas gravuras a buril: portadas; vistas de fantasia, vinhetas alegóricas, no princípio dos capítulos; letras capitulares, muito engenhosas e bem compostas; vinhetas caudais. Os gravadores porém que mais produziram foram Debrie ou Debríe e Rochefort. Nos *Annaes da Bibliotheca Nacional* do Rio de Janeiro, vol. XXVIII, 1906, vem um catálogo organizado pelo Dr. Zeferino de Meneses Brun (pp. 1 a 116), das «Estampas gravadas por Guilherme Francisco Lourenço Debrie»; a p. 7, n.º 3, refere-se a Rochefort².

No reinado de D. José I e D. Maria I, época que vai de 1750 a 1816, a influência francesa, triunfante, foi misturada com a dos gravadores italianos que vieram a Portugal: Carpinetti fez os retratos da família real, o *embarque dos Jesuítas*, etc., para o Marquês de Pombal; Cardini e outros, ou gravavam ou apenas forneciam desenhos, e eram muitos os artistas italianos em Lisboa; o último gravador italiano deste período foi Bartolozzi, já em 1802.

Joaquim Carneiro da Silva desenvolveu os gravadores portugueses que competiram com os estrangeiros; a escola foi boa e numerosa, mas breve decafu a gravura, e D. Rodrigo de Sousa Coutinho chamou Bartolozzi a Lisboa para a Oficina Régia. Este artista fundou uma escola de gravura, donde saíu o terceiro período da gravura portuguesa³.

Além das gravuras de livros, todos estes artistas, nacionais ou não, fizeram *registos* de Santos, que com o mesmo carácter dos *registos* populares, anónimos e rudes, não diferiam do valor artístico das obras dos livros; alguns *registos* eram perfeitos quadros reduzi-

¹ Cf. alguns nomes no *Diction.* de Raczyński, p. 40.

² O A. resolve as hesitações do nome de Débrie. Nem é Gabriel Franco Luís Debrie (Volkmar, *Colec. de Memórias*, p. 79), nem Gabriel Fr.º Luís Debríe (Id., p. 282, e *Diction.* de Raczyński, p. 39 s. v. «Carneiro da Silva», e 66 s. v. «Debríe»). Só aqui dou a informação por necessidade expositiva.

³ Terceiro período: contando como primeiro aquele de que há notícia bibliográfica, e como segundo o de prova artística (séc. XVIII), franco-italiano.

dos, tam belas são as gravuras em cobre e aço. Não se dá com estes *registos* a adaptação a Santos, diferentes apenas no nome; porque assim como as medalhas piedosas são cunhadas pelas irmandades ricas, também os *registos* de artistas bons são mandados abrir por motivo de boas posses. Confrarias riais mandavam coroar os *registos*, e faziam neles a declaração de os haverem mandado esculpir.

O *registo* foi uma escola prática da gravura, mais sentida, e portanto mais artística, do que a gravura de livros, cujo sentido os artistas ignoravam em absoluto, fazendo vinhetas que se repetiam de livro para livro, e cuja língua os estranhos desconheciam. Uns e outros, sôbre todos Debrie e Carpinetti, Bartolozzi e seu discípulo, o português Queiroz, multiplicaram os *registos* de imagens e lendas a elas ligadas¹.

Do discípulo de Joaquim Carneiro da Silva, Manuel da Silva Godinho, diz Raczyński que gravou muitas imagens de devoção; eram *registos* de Santos que este artista gravou bem a buril. Godinho, Assis e Queiroz foram os melhores gravadores portugueses de gravura em metal, possuidores ambos de um bom desenho. Assis e Queiroz gravaram juntos².

Não se atentara ainda, na gravura artística destas imagens devotas, como um magnífico elemento subsidiário do estudo da arte de gravar, em Portugal; numerosos são os que nos restam do séc. XVIII e XIX, tanto como documentação de influência estrangeira, directa e indirecta, como da habilidade e actividade dos artistas portugueses.

A água-forte, não aparece nenhum *registo*; de Queiroz, que gravou a água-forte, não é conhecido nenhum *registo* neste processo; no entanto emprega também amiúde a maneira de *pontillé*, e traço e *pontillé*. Vieira Portuense³ também gravou a água-forte, mas para *registos* apenas fornecia desenhos, o que se dava igualmente com

¹ O estudo meticoloso destas lendas cristãs faz parte dum outro trabalho diferente em forma e conceito.

² Aparecem inúmeros *registos* com os nomes destes dois gravadores, associados. Vid. os nomes no *Catálogo*, parte II.

³ Um *registo* é gravado sôbre desenho de Vieira Lusitano: é S. Francisco de Assis, na lapa, orando ante o Crucificado, que contempla com devoção. Tem por baixo o nome do autor do desenho, muito irregular em alinhamento e letra; o gravador não se acusa, e o trabalho é duma forma tam grosseira que nem se distingue o traço do desenhador.



Mattos delin.

Cardoso sculp.

**VERA EFFIGIES DE N. S.^{da} DO ROZARIO
DA VILLA DO BARREIRO**

*O Em.^{mo} e R.^{mo} Inr.^o Card.^o Patriarcha concede 100 dias de Indulg.^{ça}
todas as pessoas q^e rezarem huma Salve R.^o diante desta Imagem*

(Gravura artistica)



RAINHA SANTA ISABEL

Que se venera em Anchião

COIMBRA TYP AUXILIAR D'ESCRITORIO

(Gravura artística)

Domingos António Sequeira¹. Dêste existem desenhos gravados no Pôrto, e bem, pelo artista Joaquim Raimundo da Costa, e por Queiroz. Princesas de Portugal facultavam também desenhos originaes: Godinho gravou um desenho da Infanta D. Mariana, de 1799 (Nossa Senhora do Amparo dos Pecadores).

Depois a litografia veio lançar a gravura em metal num grande abatimento. A facilidade e economia de trabalho deram-lhe preferên-
cia, e os *registos* apparecem litografados: em Coimbra êste processo desenvolveu-se depressa, e se houve artistas modestos, aí os houve também de algum mérito. Vieram litógrafos estrangeiros a Portugal que fizeram bons trabalhos e, pelo que toca a êste estudo, bons *registos*: Lecoingt, Macphail, Maurin, Michellis, etc. Dias Costa fez boas estampas na Litografia da Imprensa Nacional, em Lisboa. Outros litógrafos bons trabalharam em Lisboa, como Sendim.

Queiroz porêem ensinou até 1845, e deixou discipulos que renovaram o processo da gravura em madeira. Os derradeiros gravadores foram Pedroso, Bordalo, Nogueira da Silva e Caetano Alberto. Êste último, ainda vivo, criou uma escola de gravura em 1866, e, discipulo de Nogueira da Silva, gravou muitos *registos* para Portugal e Brasil; em 1914 morreu Diogo Neto, que foi o último dos seus discipulos. Hoje, no *Occidente*, fecha o breve periodo da gravura em madeira no séc. XIX.

Mas os processos de gravura química e mecânica deram o golpe de morte na gravura artística, especialmente na xilogravura que depois dum grande intervalo se refaz pela terceira vez, e na boa maneira de não copiar os traçados da gravura em metal. Agora, depois das xilogravuras do *Panorama*, *Archivo Pitoresco*, *Artes e Letras*, *Ilustração Portuguesa* (de Mariano Pina), *O Occidente* (desde 1878), etc., as gravuras de *registro* como as dos livros são feitas por processos fotográficos e heliográficos, emquanto por toda a parte a litografia tende a desaparecer pelo menos do dominio da arte. «Já atingida pela popularidade da água-forte (que em Portugal porêem não ocorreu), a heligravura deu-lhe o último golpe»².

¹ Sequeira não se desdenhava de pintar *milagres*, isto é, retábulos em que se representavam curas milagrosas ou salvações de graves perigos. Como os antigos autores dos quadros dos *doadores*, nas capelas das catedrais, também dêle se encontram quadros, que dêsses derivam, nas nossas igrejas, como, por exemplo, no Bom Jesus de Braga. Vid. in *Portugalia*, artigo completo de Rocha Peixoto, *Tabulae votivae*, II, pp. 189-192 (com figuras), e in *O Arch. Port.*, XIX, p. 158.

² *Gazette des Beaux Arts*, t. XXXVIII, 1888, p. 223, artigo «La Gravure» de Alfred de Lostalot.

A côr do *registro* popular é uma côr aplicada à mão sôbre as figuras a cobrir, a lps ou a tinta de aguarela que ensopa as imagens, campo e encaixes. A côr dos *registos* artísticos é dada por três processos: coberto a tinta à mão, gravadas as imagens em papel colorido, ou gravadas por cromo-litografia modernamente.

Se antigamente actuava no *registro* a habilidade artística do gravador, memorando scenas de martírio e milagre, mesmo quando reproduziam imagem do natural, hoje o registro é com a fotogravura e cromolitografia simplesmente imitativa, copiando quadros e esculturas.

Nota final.—Muitos dos *registos* tem o nome dos Santos e as invocaes em latim; também as jaculatrias e ensalmos aparecem muitas vezes nessa língua litúrgica.

Catálogo

Explico prévia

Os *registos* que vou catalogar dispõem-se em quatro livros de *in-folio* grande.

O Catálogo dêstes *registos* divido-o, por conveniência de labor e consulta, em três partes. Qualquer delas, sendo as duas primeiras essenciais, e a restante complementar, não seria um catálogo completo, porque faltariam sempre os outros elementos de documentação. Assim as três integram-se e compreendem-se, completando-se mtuamente.

Na PARTE I fica o catálogo alfabético, remissivo, dos *registos*, pelo nome dos Santos, agrupados sob cada nome todos os que a le possam referir-se. Cada inscrição vai acompanhada do número do volume em caracteres latinos, e o da respectiva página em números arábicos. É a parte mais extensa, porque muitos dos *registos*, mesmo a maior parte talvez, não tem nota de autores, nem fabricantes, nem vendedores, e apenas se identificam pela imagem;  além disto infinito o número e a nomenclatura dos Santos.

A PARTE II abrange todos os autores que figuram nos *registos*, sejam desenhadores e pintores, ou gravadores, litógrafos, fotogravadores. A ordem de catalogação é a mesma da primeira parte.

A PARTE III, seguindo o mesmo critério das duas primeiras, é o catálogo das casas de fabrico e venda de *registos*, seriadas por ordem alfabética de terras declaradas.

Quando a cada nome inserto não corresponder noticia topográfica, é que ela falta no *registro*.

Compreende-se que os *registos* são feitos por gravura em madeira ou metal, quando outra cousa se não diga; por isso, os processos diferentes serão enumerados. Assim como se compreender que o desenho  incolor, quando não se acrescenta a observação contrária.



DEVOTA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA
E DO SEU SANTÍSSIMO IMMACULADO CORAÇÃO.
Que se venera na Igreja do Convento das Remedias em BRAGA

Des. de A. L. Gomes. Esc. Gravada F. M. S. 1888

(Litografia artística)

PARTE I

Catálogo pelo nome dos Santos

Abbadia¹.—«Nossa Senhora da Abbadia», I, 159; «Nossa Senhora da Abbadia», I, 171; «Nossa Senhora da Abbadia», I, 174; «Nossa Senhora da Abbadia», I, 221; «Nossa Senhora da Abbadia», IV, 54.

Adrião² (Santo).—«São Felix, Santa Nathalia, Santo Adrião», III, 59; «S. Adriam», III, 191.

Vid. *Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa*, de D. Rodrigo da Cunha, parte I, cap. 39, n.ºs 3 e 4. *Fundação, e antiguidades, e grandezas da cidade de Lisboa*, de Luís Marinho, 1753. Cap. XVII, do liv. IV, p. 203 «em que se conclue estarem no Mosteiro de Chelas os corpos de Santo Adrião...» com citação dos cronistas Fr. António Brandão, e Fr. Luís de Sousa.

Affelitos.—Vid. «*Aflitos*».

Aflicção.—«S. Jesus da Salvação e Aflicção», Lisboa», IV, 3.

Aflitos.—«Senhor dos Aflitos», *Santos ex(culp)s(it)*, Pôrto. Amaranthe, exemplar colorido, I, 1; «Nosso Senhor dos Aflitos», Amaranthe³, *Santos ex(culp)s(it)*, Pôrto, I, 1; «O Senhor Jesus dos Aflitos», I, 4; «Senhor dos Affelitos», I, 6; «Senhor dos Jesus dos Aflitos», I, 18; «Nosso Senhor dos Aflitos», exemplar colorido, Santiago da Cruz⁴, I, 18; «Imagem de Nosso Senhor dos Aflitos», Murtinheira, freguesia de Quiaios⁵, I, 113; «Senhor Jesus dos Aflitos», igreja de S. Paulo, Maçãs de D. Maria⁶, I, 113; «Senhor Jesus dos Aflitos», dos Capuchos (Alcobaça), I, 134; «Senhor Jesus dos Aflitos», cidade da Figueira da Foz (distrito de Coimbra), 2. exemplares diferentes I, 164; «Senhor dos Aflitos», capela do Mecco⁷, I, 166; «Senhor Jesus dos Aflitos», exemplar colorido, II, 23; «Senhor Jesus dos Aflitos», II, 33; «Nossa Senhora dos Aflitos», freguesia de Santiago da

¹ ABADIA, freguesia de Bouro, concelho de Amares (Braga). O santuário fica a três quilómetros da povoação.

² Advogado contra as ruturas. Vid. *Registo*.

³ Esta imagem venera-se na capela da irmandade dos Terceiros de S. Domingos, «capella rica e asseada». Vid. *Historia antiga e moderna da vila de Amaranthe*, por P. F. de A. C. de M., Londres, 1814.

⁴ *Santiago da Cruz*, freguesia e concelho de Vila Nova de Famalicão (Braga).

⁵ *Quiaios* (S. Mamede), freguesia e concelho da Figueira da Foz (Coimbra).

⁶ *Maçãs de D. Maria*, freguesia e concelho de Figueiró dos Vinhos (Leiria).

⁷ *Meco*, freguesia de Arazede, concelho de Montemor-o-Velho (Coimbra).

Cruz, II, 34; «Nossa Senhora dos Affictos», 2 exemplares diferentes, Murça, vila e concelho do distrito de Vila Real, II, 52; «Senhor dos Affitos», da freguesia de Cedovim¹, II, 56; «Senhor Jesus dos Affitos», igreja de S. Paulo, da cidade de Elvas (Alentejo, distrito de Portalegre), II, 78; «Senhor Jesus dos Affitos», igreja das Freiras de S. Domingos, de Elvas, II, 78; «Nosso Senhor dos Affitos», Murtinheira, freguesia de Quiaios, II, 85; «Senhor Jesus dos Affitos», II, 86; «Senhor Jesus dos Affitos», Cabeça de Alva, freguesia de Cária, concelho de Moimenta da Beira (distrito de Viseu), II, 88; «Senhor Jesus dos Affitos», capela da Ordem Terceira de Santo Agostinho na igreja da Graça, Lisboa (1.º bairro), III, 3; «Nossa Senhora das Dores e Senhor Jesus dos Affictos», parochial de Nossa Senhora da Lapa, Lisboa (4.º bairro), III, 25; «O Senhor Jesus dos Affictos», 2 exemplares diferentes, III, 25; «Senhor Jesus dos Affitos e Nossa Senhora das Dores», III, 25; «Senhor Jesus dos Affictos», cidade da Figueira da Foz, III, 136; «Senhor Jesus dos Affictos», 2 exemplares diferentes, IV, 14; «O Senhor Jesus dos Affitos», IV, 21.

Agonia.—«Verdadeiro retrato de Nossa Senhora da Agonia», Viana do Castelo², I, 25; «Retrato de Nossa Senhora da Agonia», de Viana, I, 32; «Nossa Senhora da Agonia», Lisboa e Viana do Minho, I, 36; «Senhor da Agonia», Castelo da Louzã (Coimbra), I, 138; «Retrato de Nossa Senhora da Agonia», de Viana, exemplar colorido, I, 143; «Imagem de Nossa Senhora da Agonia», Viana do Castelo, I, 143; «Nossa Senhora da Agonia», 2 exemplares diferentes, II, 62; «O Senhor da Agonia», Vouzela³, III, 4; «O Senhor Jesus da Agonia», S. Bartolomeu⁴, III, 26; «O Senhor Jesus da Agonia», Arganil (Coimbra), III, 108; «Senhor Jesus da Agonia», Semide⁵, III, 136;

¹ *Cedovim* (S. João Baptista de), freguesia e concelho de Vila Nova de Fozcoia (Guarda).

² A romaria da Senhora da Agonia realiza-se nos dias 23 a 25 de Agosto. No dia 20 principia uma feira que vai até o fim do mês. Diz no capítulo respectivo, p. 73, o A. da *Notícia Biográfica... da Provincia do Minho*, António Lopes de Figueiredo, que «ascende a mais de 50:000 o número de romeiros que todos os anos concorrem à festividade da Senhora da Agonia». A capela construída no séc. XVIII, fica no tópo da esplanada do castelo, no monte da Agonia. Vid. *Minho Pitoresco*.

³ *Vouzela*, concelho do distrito de Viseu.

⁴ O *registo* não dá notícia precisa da freguesia a que se refere a imagem. Será S. Bartolomeu simplesmente, ou será S. Bartolomeu de Galegos ou da Serra?

⁵ *Semide*, freguesia e concelho de Miranda do Corvo (Coimbra).

«Senhor Jesus da Agonia e Nossa Senhora das Dores», III, 141; «O Senhor Jesus na Agonia», Bemfica¹, IV, 15; «O Senhor Jesus da Agonia», Real Capela de Nossa Senhora de Monserrate, Patriarcado de Lisboa, IV, 20.

Agonizantes. — «Senhor Jesus dos Agonizantes», da igreja de S. Caetano, Lisboa (3.º bairro), III, 2.

Agostinho (Santo). — Vid. *Consolação*.

«Nossa Senhora do Monte, S. Gens e Santo Agostinho» (Altar — de), Lisboa, I, 178; «Santo Agostinho», Bispo e Doutor da Igreja, Socorro, Lisboa (1.º bairro), II, 66; «Santo Agostinho», III, 181; «Santo Agostinho» (escrito à mão), IV, 170.

Santo Agostinho, bispo de Hippona, cidade da Mauritânia, em frente da Sardenha, foi com S. Jerónimo, seu coevo, um dos mais prestigiosos Padres da Igreja, pelo seu saber e austeridade. A edição, em Antuérpia, das obras teológicas deste bispo, tem este título: *Divi Aurelii Augustini Hipponensis Episcopi, MEDITATIONES, SOLILOQUIA, &c.* (em 1542). Era Aurelius Augustinus, ou seja Aurélio, da cidade de Augusta, na Cilícia (Anatalia). Diz o *Mappa de Portugal*, de J. Bautista de Castro, que a ordem dos Eremitas de Santo Agostinho entrou em Lisboa, em 25 de Outubro de 1147, dia em que se apoderou da mesma cidade D. Afonso Henriques. Foi instituída no Eremitério de S. Gens, na base do monte do mesmo nome, hoje conhecida por de Nossa Senhora do Monte. *Op. cit.*, p. 30-31. Cfr. *Fundação... de Lisboa*, Luís Marinho de Azevedo. Liv. III, cap. XVI.

Agrigento. — Vid. *S. Matheus*.

Água de Lupe. — «Nossa Senhora da Água de Lupe» (interpretação popular de Nossa Senhora de Guadalupe), que se venera na sua capela no Outeirinho² (offerta d'um devoto), II, 73.

Águeda (Santa)³. — «Santa Águeda», III, 34; «Santa Águeda», 2 exemplares diferentes, III, 39; «Santa Águeda», Virgem Mártir, que se venera na freguesia de Souselas⁴, concelho de Louzada, IV, 132.

Ajuda. — «Nossa Senhora da Ajuda», I, 24; «Nossa Senhora da Ajuda», I, 232; «Nossa Senhora da Ajuda», II, 45; «Nossa Senhora da Juda», Vid. *Apêndice*, III, 13; «Nossa Senhora da Ajuda», Tavira (Algarve), 2 exemplares diferentes (um dêles fotografado), III, 151;

¹ Venera-se no convento de «S. Domingos de Bem Fica», diz o *registo* (Lisboa).

² Há no país numerosas povoações com o nome de Outeirinho, que o *registo* não especifica.

³ Santa Águeda é advogada contra o mal do peito e falta de leite.

⁴ É Sousela e não Souselas, o nome da freguesia.

«Nossa Senhora da Ajuda», iv, 54; «Nossa Senhora da Ajuda e Santos Fiéis de Deus», na sua igreja da Rua dos Caetanos, Lisboa (3.º bairro), iv, 77.

Alberto (Santo).—«Santo Alberto», do Convento dos Carmelitas Calçados de Lisboa, i, 62; «Santo Alberto», iii, 59.

Fr. Ambrósio Mariano e P.º Fr. Gaspar de S. Pedro, por indicação mortuária de Santa Thereza, fundaram em Lisboa, no bairro da Pampulha, o primeiro convento de carmelitas descalços, com a invocação de S. Felipe, em 1 de Outubro de 1581. Depois houve mais dois conventos, para mulheres: de Santo Alberto, em 1584; de Nossa Senhora da Conceição, 1681. *Mappa de Portugal*, J. Bautista de Castro, 3.ª ed., ii, 44.

Alcântara.—Vid. *S. Pedro*.

Alecrim¹.—«Nossa Senhora do Alecrim», ii, 51.

Alegria.—«Nossa Senhora da Alegria», freguesia do Ameal do Campo², i, 157; «Nossa Senhora da Alegria», Ameal, i, 176; «Nossa Senhora da Alegria», que se venera na sua capela em Almalaguês³, 2 exemplares diferentes, ii, 67.

Alfândegas.—«Nossa Senhora das Alfândegas», da Conceição Velha, Lisboa (2.º bairro), i, 149.

Alvío.—«Milagroza Imagem de Nossa Senhora do Alvío», 4 exemplares diferentes, i, 41; «Nossa senhora do Alvío» venerada na capela do Palacete da Pena, concelho de Vieira⁴, i, 93; «Nossa Senhora do Alvío», Braga, i, 228; «Milagroza Imagem de Nossa Senhora do Alvío», freguesia de S. Miguel de Soutelo⁵, Arcebispo de Braga Primaz, iv, 106.

Almas.—Vid. *Resgate*.

«Nossa Senhora das Dores e Senhor Jesus das Almas», S. Miguel de Alfama, Lisboa (1.º bairro), iii, 114; «S. Miguel e Almas», de S. Paulo, Lisboa (3.º bairro), iii, 117; «O Senhor Jesus das Almas», iv, 4; «Exaltação da Santa Cruz das Almas», iv, 8; «Nossa Senhora

¹ A ermida de Nossa Senhora do Alecrim, em Lisboa foi destruída pelo terramoto de 1755. Tinha sido fundada em 1641. Pertencia à antiga freguesia da Encarnação.

² *Ameal do Campo*, ou só Ameal, é a designação regional de S. Justo do Ameal, freguesia e concelho de Coimbra, a par de S. João do Campo.

³ *Almalaguês*, é pronúncia popular de Alm laguês (S. Tiago, freguesia e concelho de Coimbra).

⁴ *Vieira*, distrito de Braga.

⁵ *Soutelo*, freguesia e concelho de Vila Verde (Bragu).

das Almas», 2 exemplares, *Santos f(êcit)*. ou *f(êz)*. num, sem assinatura no outro, IV, 97.

Alminhas. — «Milagrosas Alminhas da Areosa»¹, freguesia da Aguada de Cima, III, 136.

É vulgar ver-se, nas fachadas lisas das casas de Lisboa, *registo* de azulejos onde se figuram as almas, que, cercadas de labaredas, imploram o fim do suplício. Cf. *Cerâmica Portuguesa*, de José Queiroz, p. 231.

Amaro (Santo)². — «Santo Amaro», Abade, Assafarga³, 2 exemplares, I, 105; «Santo Amaro», Abb(ad)e, na capela dos claustros da Sé Primaz (Braga), I, 115; «Santo Amaro», venerado na Nazaré da Ribeira⁴, exemplar colorido, I, 119; «Santo Amaro» Abade, exemplar colorido, de Assafarga, I, 131; «Santo Amaro» Lisboa, Conceição Velha (2.º bairro), I, 187; «Santo Amaro», Cadima⁵, I, 197; «Santo Amaro», Assafarja, I, 205; «Santo Amaro», 6 exemplares diferentes, I, 214; «Santo Amaro», 2 exemplares diferentes, I, 215; «Santo Amaro», exemplar minúsculo, II, 62; «Santo Amaro», Abade, 2 exemplares diferentes sendo um colorido, II, 65; «Santo Amaro», exemplar minúsculo, II, 65; «Santo Amaro», exemplar minúsculo, II, 79; «Santo Amaro», Casais do Bairro, freguesia e concelho de S. Miguel de Penela⁶ (Coimbra), II, 80; «Santo Amaro», de Rogela⁷, II, 83; «Santo Amaro», capela no Prazo de Santa Marinha, freguesia de Quiaios⁸, II, 83; «Santo Amaro», de Rogela, 2 exemplares diferentes, II, 99; «Santo Amaro», Prazo de Santa Marinha, freguesia da Quiaios, II, 100; «Santo Amaro», de Maceira, concelho de Leiria, II, 100; «Santo Amaro», Abade, III, 122; «Santo Amaro», Abade, III, 124; «Santo Amaro», na Assafarge, III, 125; «Santo Amaro», Abade, *Santos f(êcit)* ou *(fêz)*, *Pôrto*, IV, 163; «Santo Amaro», Abade, monocr.^o, IV, 170; «Santo Amaro», Abade, *João Thomaz da Fon(se)ca*

¹ *Areosa*, freguesia e concelho de Viana do Castelo.

² Este santo é advogado das fracturas dos membros.

³ O nome da povoação é *Assafarge* (Nossa Senhora da Conceição, freguesia e concelho de Coimbra).

⁴ *Nazaré da Ribeira de Frades*, concelho de Coimbra.

⁵ *Cadima*, freguesia e concelho de Cantanhede (Coimbra).

⁶ *Penela*, cabeça de concelho; duas freguesias, Santa Eufémia e S. Miguel (Coimbra).

⁷ *Rogela*, freguesia de Vilarinho, concelho de Louzã.

⁸ *Quiaios*, freguesia e concelho da Figueira da Foz (Coimbra).

Fecit. R. E. Alm(eid) a Esculp(sit), iv, 177; «Santo Amaro», 2 exemplares litografados, um d'elles colorido, iv, 207.

Amoras.—«Nossa Senhora das Amoras», 2 exemplares diferentes sendo um d'elles impresso a tinta azul, i, 29.

Amoris.—«*Mater fons amoris*», do Real Mosteiro de Santa Joana¹, i, 43.

Amparo.—«Nossa Senhora do Amparo dos pecadores, q[u]e se venera na Santa Sé de Évora». *A Serenissima Infanta D. Mariana inv[entou]. e pint[ou]. em 1799. God[inh]o. sc[ulpsit]*. i, 21; «Nossa Senhora do Amparo», 2 exemplares diferentes, um venerado na Real Fundação do Menino Deus (Lisboa), e outro com o seguinte:—*Santos f[ecit]. ou f[ez]. Pôrto*, i, 28²; «Nossa Senhora do Amparo», dos Carvalhais, Pedrogam Pequeno³, ii, 74; «Nossa Senhora do Amparo», Real Fundação do Menino Deus, Lisboa, iii, 129; «Nossa Senhora do Amparo», vila de Mirandela (distrito de Bragança), exemplar grande, fotografado, iii, 171; «Nossa Senhora do Amparo», exemplar grande fotografado, Mirandela, iii, 172; «Nossa Senhora do Amparo», 2 exemplares diferentes, iv, 54; «Nossa Senhora do Amparo», iv, 55; «Nossa Senhora do Amparo», iv, 82; «Nossa Senhora do Remedio e Amparo», iv, 86; «Nossa Senhora do Amparo», iv, 88; «Nossa Senhora do Amparo», Titular e Padroeira da Paroquial Igreja de Bemfica⁴, iv, 99; «Nossa Senhora do Amparo», iv, 109.

Em Paredes de Coura é muito curiosa a romaria do Senhor do Amparo. Aparecem andores cheios de espelhos, e os homens, que os levam, apoiam as varas nos ombros cobertos por um lenço que é oferecido pelas mordomas, e constitui a paga do trabalho. Atrás vão as *oiradas*, que são as mordomas cobertas de oiro, delas e emprestado; levam amêndoas em lenços rendilhados de três pontas, e atiram com elas ao santo. Vid. *Minho Pittoresco*, i, 123-124.

André (Santo).—«Santo André Apóstolo», (colorido), *Santos f[ecit]*. *Pôrto*, i, 12; «Santo André», Louzada⁵, i, 196; «Santo André Avelino», exemplar colorido, ii, 64; «Santo André Avelino», iii, 66.

¹ O mosteiro de Santa Joana, em Aveiro, era o real mosteiro de Jesus de dominicanas, do qual lançou a primeira pedra D. Afonso IV em 1462; a ela se recolheu a filha do Rei, a princesa Santa Joana, que faleceu investida do hábito de freira em voto simples, e está num túmulo, rico de valores e arte. *As cidades e Villas da Monarchia Portuguesa*, Vilhena Barbosa, i, 58.

² Na igreja da Madre de Deus, a Xabregas, em Lisboa.

³ *Pedrogam Pequeno*, freguesia e concelho de Certã. (Castelo Branco).

⁴ *Bemfica*, freguesia de Nossa Senhora do Amparo, do 3.º bairro de Lisboa.

⁵ *Lousada*, vila, cabeça de concelho (Pôrto).

Angela (Santa).— «Santa Angela de Merici», II, 44; «Santa Angela de Merici», II, 45.

Angústias.— «Nossa Senhora das Angústias», Ilha do Faial, Açores, III, 85; «Nossa Senhora das Angústias e Soledade», Real Capela no Mosteiro de S. Bento¹, Lisboa, IV, 85.

Anjo (S. Rafael).— «O Custodio do Reino», Bucelas², I, 15; «O anjo S. Raphael», II 45; «Anjo custodio do Reino», Bucelas, III, 196.

Anjo da Guarda.— Sem designação, exemplar minúsculo, II, 65; sem designação, exemplar minúsculo, III, 53; «O Anjo da Guarda», 2 exemplares diferentes, III, 195; sem designação, *Omnibus dico vigilate, Sec. Marc. cap. 13, v. 37; Carv[alh]o. f[ecit].* ou *f[ez]*. IV, 179.

Anjos³.— «Nossa Senhora dos Anjos», Lisboa, I, 177; «Nossa Senhora dos Anjos», Seminário de Brancanes⁴, III, 20; «Nossa Senhora dos Anjos», IV, 55.

Anna.— «Nossa Senhora e Santa Anna», I, 32; «Santa Anna», I, 48; «Santa Anna», Sertã⁵, I, 156; «Senhora Santa Anna», I, 180; «Senhora Santa Anna», Elvas (cidade do distrito de Portalegre), 2 exemplares diferentes, II, 13; «Santa Anna», II, 23; «Santa Anna e Nossa Senhora», II, 45; «Nossa Senhora e Santa Anna», III, 12; «Santa Anna», III, 38; «Santa Anna», 4 exemplares diferentes, III, 41; «Santa Anna», III, 44; «Santa Anna», 2 exemplares diferentes, III, 45; «Maria, Jesus, Anna», III, 45; «Senhora Santa Anna», capela do claustro da Sé de Lisboa, III, 101; «Nossa Senhora e Santa Anna», IV, 102; «Santa Anna», 2 exemplares diferentes, IV, 135.

Anunciação.— Sem indicação, IV, 91.

Antão (Santo)⁶.— «Santo Antão», que se venera na freguesia de Sinde⁷, I, 124; «Santo Antão», Bemfeita⁸, I, 204; «Santo Antão»,

¹ O Mosteiro de S. Bento de Lisboa foi transformado no actual Palácio das Côrtes. Eram célebres as festas da capela do convento, no séc. XVIII. Um manuscrito de viagens da Biblioteca Nacional (que será publicado n-*O Archeologo*), refere-se a uma função religiosa a que o A., que era estrangeiro (Perez Bayer), assistiu.

² Bucelas, freguesia e concelho de Loures (Lisboa).

³ Anjos, freguesia do 2.º bairro de Lisboa.

⁴ Brancanes, concelho de Almodovar (Beja).

⁵ Sertã, vila, cabeça de concelho (Castelo Branco).

⁶ Santo Antão é o santo patrono dos almocreves e porqueiros, e a sua festa realiza-se no dia 17 de Janeiro; é advogado contra as erisipelas.

⁷ Sinde, freguesia e concelho de Tabua (Coimbra).

⁸ Bemfeita, freguesia e concelho de Arganil (Coimbra).

Moimenta da Beira¹, I, 204; «Santo Antão», Sinde, II, 3; «Santo Antão», 2 exemplares diferentes, II, 91; «S. João Baptista e Santo Antão», igreja da Correição de Santo António, Ilha de S. Jorge, exemplar grande, duplo (fotogravura), Açores, III, 175; «Santo Antão», 2 exemplares diferentes, III, 191.

Antónia.—«Santa Antónia», Virgem Mártir, IV, 131.

António (Santo).—«O milagroso Santo António», *Carv.^o f[ecit]*. ou *f[ez]*. Lisboa, I, 16; «Gloriosissimo Santo António», I, 16; «Santo António», Sertã², I, 190; «Santo António», Figueira da Foz, I, 190; «Santo António», I, 206; «Santo António», Valdreu³, 2 exemplares diferentes, I, 212; «Santo António», 2 exemplares minúsculos, II, 62; «Santo António dos Milagres», Figueiró dos Vinhos⁴, II, 94; «Santo António», Penela, II, 98; «Santo António», 3 exemplares diferentes, III, 50; «Santo António», III, 51; «Sem designação», 3 exemplares diferentes, III, 53; «Santo António dos Olivais», 2 exemplares diferentes, Coimbra, III, 118; «Santo António», Real Mosteiro de Santa Cruz (Coimbra), III, 118; «Santo António», Mesericórdia da Figueira da Foz, III, 118; «Santo António», Ordem terceira da Figueira da Foz, III, 119; «Santo António», Montemor-o-Velho⁵, III, 119; «Santo António dos Olivais», Coimbra, III, 119; «Santo António», III, 123; «Santo António de Lisboa», Real Casa de Santo António⁶, III, 128; «Nossa Senhora da Assunção e Santo António do Valle», III, 132; «Santo António», Tavira, 2 exemplares diferentes, III, 178; «Santo António de Cascaes», 4 exemplares diferentes, III, 180; «Santo António de Cascaes», 2 exemplares diferentes, fotogravura, III, 181; «Santo António de Lisboa», exemplar fotogravado, III, 181; «Santo António de Lisboa», igreja dos Anjos», III, 181; «Santo António», 2 exemplares diferentes, III, 198; «Santo António», 2 exemplares diferentes, IV, 163; «Santo António de Lisboa» «como na sua própria igreja», IV, 163; «Milagrosa Imagem de Santo António de Noto que se venera na Real Capela do Monserrate, às Amoreiras»⁷, IV, 175; «Santo António», IV, 175; sem indicação, *Manuel Le Bouteux f[ecit]*. ou *f[ez]*. 1757. IV, 175; «Santo António de Lisboa», cromolitografia,

¹ Moimenta da Beira, vila, cabeça de concelho (Viseu).

² Sertã, vila, cabeça de concelho (Castelo Branco).

³ Valdreu, freguesia no concelho de Vila Verde (Braga).

⁴ Figueiró dos Vinhos, cabeça de concelho (Leiria).

⁵ Montemor-o-Velho, vila, cabeça de concelho (Coimbra).

⁶ Lisboa, junto da Sé (1.^o bairro).

⁷ Lisboa (4.^o bairro).

iv, 205; «Sétimo Centenário de Santo António», festejos populares na Praça da Figueira, a favor da creche, para os filhos das vendeiras do mesmo mercado, cromolitografia, iv, 205.

Vid. *Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa*, por D. Rodrigo da Cunha, parte II, caps. XXXIII a XXXVII, pp. 133 a 146. Santo António nasceu em Lisboa no ano de 1195 (15 de Agosto), e morreu em Pádua em 13 de Junho de 1231. Vestiu o hábito de Santo Agostinho no convento de S. Vicente de Fora em Lisboa. Daqui foi para Coimbra, onde tomou o hábito seráfico de frade menor de S. Francisco. Passou à África para prègar o Evangelho, e a doença trouxe-o de volta, mas o temporal levou-o de aferrada à Sicilia (1221). Daí peregrinou pela Itália, na evangelização e no ensino catedrático. Esteve no capítulo da ordem, na cidade de Assis, a que o Patriarca S. Francisco assistiu (1221); passou por Bolonha, em cujas proximidades estabeleceu a sua Tebaida, em Pádua, Florença, Veneza; passando à França esteve em Limoges, Mompilher, etc. Em Portugal notara-se pela sabedoria; em Itália, o Bispo de Forlìbio animou-o e auxiliou-o; disse Barbosa Machado, na *Bibliotheca Lusitana*, I, p. 186, que «foi António o sagrado Atlante», e em igual estilo rotundo na página a seguir: «discorreu como o sol». S. Francisco, Patriarca da ordem nomeou-o mestre de Teologia. Era «doutor na sciência», diz o mesmo, p. 187. *Bibliografia*: vid. *Bibliotheca Lusitana*, I, p. 188 a 190: vida de Santo António, acções milagrosas por que se celebrou; foi escrita em latim, português, castelhano, italiano, francês e polaco. Frade austero e erudito, deixou na sociedade rude do tempo do nosso primeiro rei larga fama de santidade. Na bôca do povo anda ainda a tradição dêste santo, milagreiro e, consoante passos anedóticos, «amigo das moças». A sua festa é celebrada especialmente em Lisboa, onde o folguedo popular em danças e descantes evoca os hábitos, cristianizados, das festas pagãs. É um santo casamenteiro e nesta qualidade é invocado nas cantigas do povo. Festeja-se a 13 de Junho. E se pelos folgazões é esperado, anima êste dia a esperança das crianças que pela província fora armam os seus altarcinhos, as suas cascatas de musgo e verdura, onde reaparecem a meio do ano algumas figurinhas de presepe. É advogado dos moleiros.

No livro *Thesouro de ceremonias* de Joam Campello de Macedo, impresso em Braga, em 1734, vem um retrato do A. e o de Santo António. Também êste santo deu tema aos pintores; a lembrar: o Santo António de Murillo no Museu de Berlim, o de Rafael de Sanzio no mesmo, e em Portugal o do pintor do nosso tempo, Columbano Bordalo Pinheiro, no Museu de Arte Contemporânea, de Lisboa; sem esquecer o fresco de Goya, em Santo António da Florida, perto de Madrid. — Há por todo o nosso país imensas capelas da invocação de Santo António.

Anunciada. — «Nossa Senhora da Anunciada», iv, 55.

Apelónia. — Vid. *Apelónia*; vid. *Apêndice*.

Apolónia (Santa).—«Santa Apolónia», Virgem e Mártir, que se venera na igreja da Sé do Pôrto a 9 de Fevereiro, *A. dos Santos f(ecit)*. ou *f(ez)*, *Pôrto*, I, 47; «Santa Apolónia», que se venera na roda do Castelo, Lisboa, I, 141; «Santa Apolónia», II, 63; «Santa Apolónia», exemplar minúsculo, III, 29; «Santa Apolónia», 2 exemplares diferentes, III, 36; «Santa Apolónia», 2 exemplares diferentes, III, 40; «Santa Apolónia», na sua igreja, III, 41; «Santa Apolónia», V. M., IV, 132; «Santa Apolónia», V. M., IV, 134.

Apparecida.—«Nossa Senhora da Aparecida», venera-se em Lousada¹, I, 26; «Nossa Senhora da Aparecida», descoberta em 1823, debaixo do adro de Nossa Senhora da Conceição, da freguesia de S. Pedro Fino do Tórno, do concelho da Lousada, que se venera em 13, 14 e 15 de Agosto, I, 98.

Apresentação.—«Nossa Senhora da Apresentação», IV, 55.

Arnado².—«Senhor Jesus do Arnado», II, 86; «Senhor Jesus do Arnado», 2 exemplares diferentes, III, 87; «Senhor Jesus do Arnado», 2 exemplares diferentes, III, 91; «Senhor Jesus do Arnado, III, 105.

Arrábida.—«Nossa Senhora da Arrábida», (na Serra da Arrábida, junto de Setúbal), II, 28; «Nossa Senhora da Arrábida», II, 48; «Nossa Senhora da Arrábida», 2 exemplares diferentes, III, 17; «Nossa Senhora da Arrábida», 2 exemplares minúsculos, IV, 53; «Nossa Senhora da Arrábida», 2 exemplares diferentes, IV, 56; «Nossa Senhora da Arrábida», IV, 73; «Nossa Senhora da Arrábida», IV, 98; «Nossa Senhora da Arrábida», exemplar levemente retoçado a côr, IV, 103; «Nossa Senhora da Arrábida», IV, 104.

Grande parte das imagens que tem uma devoção especial, provêm, segundo a lenda religiosa, de milagres em que elas apareceram ou representaram. E isto dá-se de ordinário na religião dos pescadores, gente de imaginação sôbre carregada pelos perigos do mar, e com imagens da Virgem e de Cristo. Assim estão entre outras as imagens do Senhor Jesus dos Mareantes, de Caminha, o Senhor Jesus de Matosinhos, a Senhora da Nazaré, a Senhora do Cabo, etc.

Como nestas, é milagroso o aparecimento da imagem que se venera na Serra da Arrábida sôbre Setúbal: a lenda vem do séc. XVI, e figura nela um mercador de Inglaterra, que veio negociar a Lisboa, e foi surpreendido perto da barra por formidável tempestade que lhe

¹ Vila de *Lousada*, freguesia e cabeça de concelho (Pôrto). Vid. em «Nossa Senhora dos Remédios», as capelas das sete Senhoras, irmãs; uma delas é a de Nossa Senhora da Aparecida em Lousada.

² *Arnado*, freguesia de Bela, concelho de Monção (Viana do Castelo).

atirou o barco para Setúbal; chamava-se Haildebrant, e tinha uma imagem, que a lenda inglesa atribuía aos frades dominicos, que a teriam levado quando S. Gregório Magno os enviou a evangelizar a velha Albion. Apegou-se à imagem, e fez-lhe voto com os companheiros. Perto de Setúbal amainou a tormenta, e quando iam agradecer-lhe, não encontraram a imagem; poseram pé em terra, e deram com os olhos na imagem no pino de um rochedo. Haildebrant fez-lhe uma ermida, em que se consagrou ermitão. Os companheiros voltaram a Lisboa, e todos os anos faziam romaria à ermida de Nossa Senhora da Arrábida. O culto generalizou-se e de muitas terras acudiam devotos em romagem grande. Em 1542 fundou-se o Convento dos *Arrábidos*, e os primeiros que constituíram comunidade foram: fr. Francisco Pedrita, e S. Pedro de Alcântara. No séc. XIX houve festas anuais na serra e em Setúbal. Vid. notícias in *Mappa de Portugal* (p. 239, ed. 1768), de João Baptista de Castro; *Diccionario Geográfico*, de P. Luis Cardoso; *Das ordens religiosas em Portugal . . .*, de Pedro Diniz, etc.

Ascensão¹.—«Nossa Senhora da Ascensão», venera-se na Catedral de Coimbra, I, 84.

A festa eclesiástica da Ascensão confunde-se com a festa popular da quinta feira da espiga, nos princípios de Maio. Consiste em passar o dia no meio do campo, onde as merendas se depõem e se comem em franca alegria. Esta festa conclui, e é o objecto essencial, pela colheita da espiga que em casa tem valor de amuleto: as searas estão cheias, a espiga está turgida, e a alegria é um hino a Demeter-Ceres, a deusa bemfeitora que ensinou a agricultura aos homens por intermédio de Triptolemo. Demeter para os gregos, como Ceres para os romanos, era a divindade da terra, por excelência, criada pela imaginação ante os fenómenos naturais da germinação anual. As nossas festas são correspondentes modernos dos longíquos mistérios celebrados em Eleusis, centro principal do culto de Demeter, aonde acudiam os peregrinos de Atenas. *Mithologie figurée de la Grèce*, Max Collignon, 233 e sgs.

Assis ou Asis.—Vid. *Francisco de Assis* (S.)

Assumpção.—«Nossa Senhora da Assumpção», I, 232; «Assumpção de Nossa Senhora», II, 47; «Assumpção de Nossa Senhora», III, 19; «Nossa Senhora da Assumpção e Santo António do Valle», III, 132; «Assumpção e coroação da Santíssima Virgem», *Quadro de A. Hess*, III, 151; «Assumpção da Santíssima Virgem», III, 159; «Assumpção de Nossa Senhora», IV, 56; «Assumpção de Nossa Senhora

¹ A festa da Ascensão é a popular *quinta feira da espiga*, nos princípios de Maio.

da Glória», iv, 57; sem designação, iv, 79; «Nossa Senhora da Assumpção dos ourives de prata», iv, 87; «Nossa Senhora da Assumpção», iv, 110.

Ataláia ou Atalaya.—«Nossa Senhora da Ataláia», 4 exemplares diferentes pequenos, II, 40; «Nossa Senhora da Ataláia», II, 48; «Nossa Senhora da Taláia», vid. *Apendice*, II, 53; «Nossa Senhora da Ataláia», 2 exemplares diferentes, 1 colorido, II, 60; «Nossa Senhora da Ataláia», 4 exemplares diferentes, II, 62; «Nossa Senhora da Ataláia», 2 exemplares reduzidos, 1 colorido, III, 11; «Nossa Senhora da Ataláia», III, 13; «Nossa Senhora da Ataláia», exemplar reduzido, iv, 53; «Nossa Senhora da Ataláia», 3 exemplares diferentes, mais um colorido (1 diz de Taláia), iv, 57; «Nossa Senhora de Taláia», exemplar colorido, vid. *Apendice; Paris, Agustoni f.^o*, iv, 221; «Nossa Santa da Taláia», *Paris, Agustoni f.^o*, iv, 221.

Atalaya.—Vid. *Ataláia*.

A capela de Nossa Senhora da Ataláia fica no cume do monte de Ataláia. Em frente da capela estende-se em terraplano inclinado um campo que se chama *Arraial de Nossa Senhora*; é limitado por três cruzeiros, e o central, que enfrenta com a capela, tem na face do nascente a imagem do Crucificado, e na outra a de Nossa Senhora da Piedade; é de pedra liós e lê-se na base: *este cruzeiro mandov fazer a confraria de Lisboa, 1551*.

A esta capela vão *cirios*, que tem de dar em redor dela três voltas. A imagem, segundo a lenda religiosa, apareceu (séc. XVI) a um quilómetro ao nascente da capela, na encosta, no sítio de uma fonte, onde lhe fizeram uma capelinha. Os devotos acudiam, as oferendas eram numerosas, e foi resolvido edificar-lhe uma capela ampla; os materiais, encontravam-nos milagrosamente todas as manhãs os operários, no lugar onde a imagem tinha aparecido. Esta capela data do séc. XVII e foi reedificada no imediato. Acodem ali em romaria muitos *cirios*.

Vid. *Narrativa histórica*, da imagem de Nossa Senhora da Atalaya ... do capelão da Ataláia, Manuel Frederico Ribeiro da Costa, 1776; e também *Mappa de Portugal*, de João Baptista de Castro, p. 239, ed. 1768.

Atribulados.—«Vera effigie do Menino Jesus dos Atribulados», exemplar minúsculo, II, 62; «Vera effigie do Menino Jesus dos Atribulados», igreja da Nossa Senhora do Loureto, Lisboa, III, 3; «O Menino Jezus dos Atribulados», igreja do Loreto, Lisboa, IV, 7; «O Verdadeiro Retrato do Menino Jesus dos Atribulados», igreja das

¹ *Ataláia*, freguesia de Aldeia Galega do Ribatejo (Lisboa).

Trinas do Mocambo, 2 exemplares diferentes, um deles colorido, Lisboa (4.º bairro), IV, 7.

Aurélia (Santa).— «Santa Aurélia Martyr», que se venera em Sobral do Monte Agraço¹, I, 79.

Auxiliadora².— «Nossa Senhora Auxiliadora», Porto, I, 226.

Auxilium.— «*Auxilium Christianorum*», 2 exemplares diferentes, II, 59; «*Auxilium Christianorum*», Nossa Senhora Aparecida, vid. *Nossa Senhora*; «*Auxilium Christianorum*», exemplar colorido, IV, 102.

Ayres³.— «Nossa Senhora de Ayres», exemplar reduzido, IV, 68.

Azinheira.— «Nossa Senhora da Azinheira⁴», IV, 89.

Balcemão.— «Nossa Senhora de Balcemão», da villa de Chacim⁵ do Bispado de Miranda⁶, I, 35.

Bandeira.— «Nossa Senhora da Bandeira», que se venera em Amarante⁷, 2 exemplares diferentes, um deles colorido, I, 26.

Banhos.— «Nossa Senhora dos Banhos», que se venera na sua capela de Vilarinho do Bairro⁸, II, 74.

Baracas.— Vid. *Barracas*.

Barachiel.— «Rafael, Uriel, Gabriel, Micael, Sealtiel, Iehudiel, *Barachiel*». São os sete arcanjos, IV, 180.

Bárbara (Santa)⁹.— «Santa Bárbara», I, 45; «Santa Bárbara», I, 50; «Santa Bárbara», *Carvalho f(ecit). ou f(ez).*, Lisboa, I, 50; «Santa Bárbara», 2 exemplares minúsculos, III, 30; «Santa Bárbara» (1 exemplar colorido, 3 exemplares diferentes), III, 34; «Santa Bárbara», III, 38; «Santa Bárbara», 1 exemplar colorido, 1 exemplar sem designação, III, 44; «Imagem de Santa Bárbara», IV, 135.

Santa Bárbara, advogada contra as trovoadas, e padroeira dos artilheiros, festeja-se no dia 4 de Dezembro. «Lembrar Santa Bárbara só quando trovoa» é frase tradicional aplicada aos esquecidos e desleixados, por só se rezar à santa, quando se ouve o trovão.

¹ Sobral de Monte Agraço, vila cabeça de concelho (distrito de Lisboa).

² *Auxilium Peccatorum*, a par de *Auxilium Christianorum* (vid. a seguir).

³ Ayres, freguesia de Areias, concelho de Marvão (Portalegre).

⁴ *Azinheira dos Barros*, freguesia e concelho de Grândola (Lisboa).

⁵ *Chacim* é freguesia do concelho de Macedo de Cavaleiros (distrito de Bragança).

⁶ A séde do bispado é hoje na cidade de Bragança.

⁷ *Amarante*, vila, cabeça de concelho (distrito do Pôrto).

⁸ *Vilarinho do Bairro*, freguesia e concelho de Anadia (distrito de Aveiro).

⁹ *Santa Bárbara* é advogada contra os trovões, e padroeira dos artilheiros.

Em Mondim da Beira, Sinfães, Fafe, etc., diz-se quando fulge um relâmpago: «Santa Bárbara! S. Jerónimo!».

Uma oração de Sinfães diz:

—Tu Barbola Santa, onde vás?

—Vou arramar as trovoadas, que pelo mundo andão armadas.

Ensaio ethnográfico, II. Leite de Vasconcellos, 64.

Por poder de aproximação que vai do ruído e do relâmpago até a morte fulminante, Santa Bárbara foi padroeira dos artilheiros. Assim como era protectora dos raios, protegia em oposto os milhares de Joves tonantes que a arte da guerra criou com a invenção da artilharia.

Recentemente, na guerra da Europa, os Alemães chamavam aos possantes canhões de 42 a sua Santa Bárbara: numa festa cobriram-nos de folhagem (dos jornais).

Barracas.—«Nossa Senhora das Barracas», IV, 98.

Bartholomeu (S.)¹.—«S. Bartholomeu», 2 exemplares diferentes, que se venera em Coimbra. Em um, vê-se: *José Dores f(ecit)*. ou *f(ez)*. 1868, I, 102; «S. Bartholomeu», 2 exemplares diferentes, I, 216; «S. Bartholomeu», exemplar reduzido, II, 65; «S. Bartholomeu», Senhorim, concelho de Nelas (distrito de Viseu), II, 83; «S. Bartholomeu», IV, 171; «S. Bartholomeu», IV, 172.

S. Bartolomeu é o advogado contra os tentames do demónio.

Festejado a 24 de Agosto, diz o povo que anda o diabo á sôlta nesse dia; lembra a alforria festiva dos escravos de Roma nas Luperciais. Ao mesmo tempo o santo é advogado contra a peste e a fome.

Na margem do Rio Tâmega, junto da ponte de Calvez, há uma capela antiga de S. Bartolomeu onde se festeja o santo em grande romaria, nos dias 23 e 24 de Agosto. Osromeiros creem que a água sulfúrica de uma fonte próxima, sendo colhida antes de lhe dar o sol, na manhã de 24, os preserva de todas as doenças, e cura as que houverem.

Traduções populares de Portugal de J. Leite de Vasconcellos, p. 15.

Bazaliza ou Basiliza (Santa).—Vid. *S. Julião*.

Santa Basilisa ou Basilissa vem citada no *Mappa de Portugal* de Bautista de Castro, II, 3.^a ed., p. 84. Foi uma das nove irmãs santas, que nasceram de um parto maravilhoso, como conta a tradição, que se deu em Braga. Foi martirizada na Sixia, em 29 de Agosto ou 1 de Novembro.

¹ S. Bartolomeu é advogado contra o diabo, festeja-se a 24 de Agosto.

Belêm. — «Nossa Senhora de Belêm», freguesia da Fonte Longa¹, I, 157; «Nossa Senhora de Belêm»², IV, 95.

Benedito (S.). — «S. Benedito de S. Francisco da Cidade, aduogado das cezoins», Lisboa (edifício da Biblioteca Nacional), II, 45; «S. Benedito de S. Francisco da Cidade, aduogado das cezoins», 2 exemplares diferentes, um colorido, Lisboa, III, 66.

Corre entre o povo num sentido anecdótico esta dição, quando referida a falta de apetite ou a pessoa de pouco alimento: «é como S. Benedito, não come nem bebe, e anda gordito». É uma forma paralela do conhecido «cavalo do inglês», magro, sem comer, mas vivo em todo o caso.

Bento (S.). — «S. Bento», dois registos diferentes, I, 12; «S. Bento», 2 exemplares diferentes, um d'elles tem: *Pôrto. Santos ret(ocou)*. I, 9; «S. Bento Abbade», 2 exemplares diferentes, I, 13; «S. Bento Abb(ade)», de Pedroso³, I, 108; «S. Bento», 2 exemplares diferentes, *Miguel Costa*, I, 108; «S. Bento», 2 exemplares, I, 109; «S. Bento Abb(ade)», que se venera na sua capela em Ançã⁴, *Dores f(icit)*. ou *f(ez)*. 1858, I, 112; «S. Bento», que se venera na sua Ermida em Ançã, I, 112; «S. Bento», que se venera na igreja do Carmo, 2 exemplares diferentes, *Miguel Costa*, 1880. Coimbra, I, 118; «S. Bento Abb(ade), I, 120; «S. Bento», que se venera na igreja do Carmo em Coimbra, I, 120; «S. Bento», 4 exemplares diferentes, dois venerados em Coimbra (um na igreja do Carmo), outro em Ançã, e ainda outro sem designar o lugar onde é venerado, I, 126; «S. Bento Abb(ad)e», que se venera na sua capela da Mizarela⁵, 2 exemplares diferentes, (lê-se num d'elles: *A. Bahia 1873*), I, 127; «S. Bento» de Semide⁶, 2 exemplares diferentes, I, 188; «S. Bento da Porta Aberta», Rio Caldo⁷, I, 192; «S. Bento da Porta Aberta», I, 193; «S. Bento da Porta Aberta», Rio Caldo, I, 193; «S. Bento», Casal da Mizarella, I, 197; «S. Bento», Santo Thyrso⁸, 2 exemplares diferentes, I, 198; «S. Bento

¹ *Fonte Longa*, freguesia e concelho de Carrazeda de Ansiães (Moncorvo, distrito de Bragança).

² *Belêm*, freguesia do 4.º bairro de Lisboa. No Convento dos Jeronymos, monumento do séc. XVI.

³ *Pedroso*, concelho de Gaia (Pôrto).

⁴ *Ançã*, freguesia e concelho de Cantanhede (distrito de Coimbra).

⁵ *Mizarela*, freguesia e concelho da Guarda.

⁶ *Semide*, freguesia e concelho de Miranda do Corvo (distrito de Coimbra).

⁷ *Rio Caldo*, freguesia e concelho de Terras de Bouro (distrito de Braga).

⁸ *Santo Thyrso*, vila do distrito do Pôrto.

da Avé Maria», Rio Tinto¹, I, 199; «S. Bento da Porta Aberta», Rio Caldo, I, 200; «S. Bento da Porta Aberta», Rio Caldo, I, 201; «S. Bento», Semide, I, 203; «S. Bento», d'Aboadela², I, 204; «S. Bento Abb(ade)», II, 39; «S. Bento», II, 81; «S. Bento», II, 88; «S. Bento», Ançã, II, 100; «S. Bento da Porta Aberta», III, 47; «S. Bento da Porta Aberta», freguesia de Rio Caldo, Gerês, 2 exemplares diferentes, III, 61; «S. Bento», 2 exemplares diferentes, III, 116; «S. Bento», Abade, Paroquial de Vairão³, III, 122; «S. Bento», igreja do Carmo, Coimbra, III, 126; «S. Bento da Várzea», concelho de Barcelos, exemplar azul, grande, III, 177; «S. Bento», III, 199.

S. Bento «O Principe dos Patriarchas», é o título da obra monacal em dois tomos de Fr. João dos Prazeres (1683-1690), Lisboa. É festejado a 21 de Março; ao lado de Santo António, é como ele casamenteiro, advogado de solteiras e viúvas.

Bérchmans. — «S. João Bérchmans», exemplar fotografado, III, 177.

Bernardo (S.). — «Beato Bernardo de Corleonté», *J. C. Silva inv(enit). ou inv(entou). G. F. Machado sculp(sit). ou sculp(iu).* IV, 181.

Bernardus (S.). — *S. Bernardus*, IV, 172. Vid. *Bernardo*.

Vid. o livro *Vida y milagros del glorioso Padre y Doctor meliflvo S. Bernardo*, de Fray Joseph de Almonazil, Madrid 1682. Na sacristia do antigo convento de Santa Maria de Bourro (concelho de Amares, distrito de Braga), há uma série de quadros de azluejos de séc. XVIII, em que se figuram as lendas cristãs dêste Santo. O Sr. Manuel Monteiro referiu-se a estes quadros na *Portugalia*, II, com duas figuras p. 273.

Boa Fé⁴. — «Senhor Jesus da Boa Fé», III, 2; «Senhor Jesus da Boa Fé», IV, 17.

Boa Hora. — «Nossa Senhora da Boa Hora⁵», I, 217; «O Senhor Jesus da Boa Hora», «Real Igreja de Nossa Senhora das Portas do Ceo de Tilheiras», IV, 17.

Boa Memoria⁶. — «Nossa Senhora da Boa Memoria», IV, 58.

¹ Não se especifica; há pelo menos três freguesias com êste nome.

² *Aboadela*, freguesia e concelho de Amarante (distrito de Vila Real).

³ *Vairão*, freguesia e concelho de Vila do Conde (distrito do Pôrto).

⁴ *Boa Fé*, concelho de Évora.

⁵ *Boa Hora*: Convento de Agostinhos Descalços, desde 1674, em Lisboa (2.º bairro); o templo foi edificado na frontaria do carro, em honra da Senhora da Boa Hora. *Mappa de Portugal*, Bautista de Castro, III, 3.ª ed., pp. 180-181.

⁶ Há várias ermidas a esta Senhora, como à dos Aflitos e do Bom Caminho, em todos os caminhos e roteiros do país.

Boa Morte.— «Senhor da Boa Morte», colorido, que se venera em Ventozello, concelho do Mogadouro¹. *J. Santos f(e)c(it)*. 1868, I, 7; «Senhor Jesus da Boa Morte», que se venera em Setúbal: I, 17; «Imag(em) de Nossa Senhora da Boa Morte», I, 35; «Nossa Senhora da Boa Morte», que se venera em Coimbra (cidade), I, 44; «Milagroza imagem de Nossa Senhora da Boa Morte», que se venera em Louriçal², I, 68; «Nossa Senhora da Boa Morte», que se venera em Coimbra, I, 74; «Nossa Senhora da Boa Morte», colorido, que se venera em Lorvão³, *Miguel Costa Des(enhou)*, Coimbra, I, 86; «Nossa Senhora da Boa Morte», que se venera em Coimbra, 2 exemplares diferentes, (um exemplar tem *Clemente grav[ou]*) I, 86; «Nossa Senhora da Boa Morte», que se venera em Coimbra, *Clemente grav(ou)*. I, 86; «Nossa Senhora da Boa Morte», que se venera no Tentugal⁴, colorido, I, 87; «Imagem do Senhor da Boa Morte, que se venera na igreja do Souto, desde 1897», I, 111; «Nossa Senhora da Boa Morte», venera-se na freguesia de Santa Marinha d'Ároza, concelho de Guimarães, I, 148; «Senhor Jezus da Boa Morte», I, 209; «Nossa Senhora da Boa Morte», I, 222; «Nossa Senhora da Boa Morte», I, 232; «Nossa Senhora da Boa Morte», 2 exemplares diferentes, Ferreira-a-Nova⁵, II, 1; «Nossa Senhora da Boa Morte», Sé de Coimbra, II, 16 e 17; «Nossa Senhora da Boa Morte», II, 47; «Milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Boa Morte», da Vila do Louriçal, II, 63; «Nossa Senhora da Boa Morte», 2 exemplares diferentes, III, 14; «Imagem de Nossa Senhora da Boa Morte», III, 16; «Nossa Senhora da Boa Morte», Tentugal, III, 73; «Nossa Senhora da Boa Morte», Ferreira-a-Nova⁵, III, 76; «Nossa Senhora da Boa Morte», Tentugal, III, 77; «Nossa Senhora da Boa Morte», Sé Catedral de Coimbra, III, 84; «Nossa Senhora da Boa Morte», Catedral de Coimbra, III, 96; «Nossa Senhora da Boa Morte», III, 96; «Milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Boa Morte», Vila do Louriçal, III, 113; «Senhor do Bom Fim e da Boa Morte», Patriarcal do Pôrto⁶, III, 131; «Nossa Senhora da Boa Morte», 2 exem-

¹ *Ventozelo*, freguesia e concelho de Mogadouro (distrito de Bragança).

² *Louriçal*, freguesia e concelho do Pombal (distrito de Leiria).

³ *Lorvão*, freguesia e concelho de Penacova (distrito de Coimbra). É célebre pelo convento de Religiosas de Cister. Vid. cap. XXI, da «Conquista, Antiguidade, e nobreza, da mui insigne, e inclita cidade de Coimbra», escritas por António Coelho Gasco, Lisboa, 1805.

⁴ *Tentugal*, freguesia e concelho de Montemor-o-Velho (distrito de Coimbra).

⁵ *Ferreira-a-Nova*, freguesia e concelho da Figueira da Foz (distrito de Coimbra).

⁶ *Patriarcal* (abusivo). por *Catedral*, ou por *Paroquial* (vid. *Bom Fim*, III, 68).

plares diferentes, iv, 58; «Nossa Senhora da Boa Morte», que se venera no Colégio de S. Lourenço dos Padres Agostinhos Descalços da cidade do Pôrto, iv, 103.

No Convento dos Padres da Caridade, no lugar de Buenos-Aires, Lisboa, existiu uma imagem de Jesus da Boa Morte de que se contaram maravilhas; no pedestal da cruz nasceu um feto que permanecia fresco por anos e anos, pelo que alguns devotos levavam ramos de feto para com elles tocarem a cruz e a imagem; estes ramos eram depois febrifugos, *Mappa de Portugal*, J. Bautista de Castro, 3.^a ed., II, p. 141.

Boa Sentença.—«Senhor Jesus da Boa Sentença», Basilica de Santa Maria Maior, Lisboa, exemplar grande, iv, 2; «Senhor Jesus da Boa Sentença», iv, 4; «Senhor Jezus da Boa Sentensa», iv, 16; «Senhor Jesus de Boa Sentença, iv, 20.

Boa Viagem¹.—«Nossa Senhora da Boa Viagem», III, 13; «Nossa Senhora da Boa Viagem», III, 18; «Nossa Senhora da Boa Viagem», Ilha do Faial (Açores), III, 148; «Nossa Senhora da Boa Viagem», iv, 91; Nossa Senhora do Populo do Convento da Boa Viagem», iv, 109.

Bom Despacho.—«Imagem de Nossa Senhora do Bom Despacho», *Santos f(ecit).*, ou *f(ez).*, iv, 103.

Bom Fim.—«Senhor Jesus do Bom Fim», de Setúbal II, 35; «Senhor Jesus do Bom Fim», II, 40; «Senhor Jesus do Bom Fim», II, 46; «Senhor Jesus do Bom Fim», III, 27; «Senhor Jesus do Bom Fim de Setúbal», 3 exemplares diferentes, III, 27; «Senhor do Bom Fim e da Boa Morte», na igreja paroquial do Pôrto, III, 68; «Senhor do Bom Fim e da Boa Morte», Pôrto, III, 131; «Senhor Jesus do Bom Fim», iv, 1; «Senhor Jesus do Bom Fim», freguesia dos Anjos, Lisboa (1.^o bairro), iv, 14; «Senhor Jesus do Bom Fim», iv, 15; «Senhor Jesus do Bom Fim», freguesia dos Anjos, Lisboa, iv, 18; «o Senhor Jesus do Bom Fim», iv, 18; «Senhor Jesus do Bom Fim», iv, 21; «Nossa Senhora do Bom Fim», iv, 58.

Bom Jesus.—«Senhor Bom Jesus do Arnado», II, 18; «Senhor Bom Jesus dos Oleiros» (protector da classe), II, 19; «Senhor Bom Jesus da Saúde», Campo das Carvalheiras de Braga, II, 34; «Senhor Bom Jesus do Monte», de Braga, 2 exemplares diferentes, II, 34;

¹ Diz o *Mappa de Portugal* de Bautista de Castro, 3.^a ed., II, a p. 145: «Nossa »Senhora da Boa Viagem, venera-se do convento, de religiosos da provincia da »Arrábida, duas léguas de Lisboa rio abaixo sôbre as praias do mar, e é mui »buseada da gente de Lisboa, e de todos os navegantes, que lhe fazem sua festa »nas oitavas do Espirito Santo».

«Senhor Bom Jesus do Monte», II, 41; «Senhor Bom Jesus da Vida»:—Vid. *Vida*; «Senhor Bom Jesus de Matosinhos», Pôrto, II, 4; «Senhor Bom Jesus do Monte», exemplar grande, III, 5; «Senhor Bom Jesus da Cruz», Barcelos, distrito de Braga, III, 92; «Senhor Bom Jesus Milagroso», S. Mateus, Ilha do Pico (Açores), III, 93; «Imagem do Bom Jesus», III, 137,

Bom Jesus¹ do Monte.—«Milagrosa Imagem do Bom Jesus do Monte», Braga, 2 exemplares diferentes, I, 5; «Bom Jesus do Monte», Braga, 2 exemplares diferentes, I, 58; «Milagrosa Imagem do Bom Jesus do Monte», Braga (Minho), I, 58; «Bom Jesus do Monte», exemplar grande, III, 5.

Bom Parto.—«Nossa Senhora do Bom Parto, que se venera na capela de S. Vicente em Covilhã», IV, 91.

Bom Sucesso².—«Nossa Senhora do Bom Sucesso», 2 exemplares diferentes, III, 14; «Nossa Senhora do Bom Sucesso», III, 166; «Nossa Senhora do Bom Sucesso», 2 exemplares diferentes, IV, 59.

Bona (Santa).—«S. Lúcio», e «Santa Bona», IV, 171.

Bonança³.—«Nossa Senhora da Bonança», Santos-o-Velho, Lisboa (4.º bairro), 2 exemplares diferentes, III, 20; «Nossa Senhora da Bonança», Bom Jesus de Gaya, IV, 59; «Nossa Senhora da Bonança», IV, 59; «Nossa Senhora da Bonança», exemplar colorido, IV, 86.

Borgia.—Vid. *Borja*.

Borja.—Vid. *Francisco de Borja (S.)*

Bráz B. e M. (S.).—«S. Braz», B. e M⁴. 2 exemplares, I, 8; «S. Braz B. M.», I, 10; «S. Braz», Pôrto, I, 15; «S. Braz Milagroso», 2 exemplares, um sem titulo, I, 57; «S. Braz», advogado da garganta, I, 64; «S. Braz», que se venera em Serpins⁵, I, 108; «S. Braz», I, 108; «S. Braz», 4 exemplares diferentes, 2 venerados em Serpins, I, 128; «S. Braz», que se venera na sua capela em Barcelinhos⁶, I, 131; «S. Braz», Forte de Santa Catarina⁷, I, 184;

¹ «Entre arvoredo da montanha em «os brandos rumores da floresta», o Bom Jesus «é o santuário por excelência do Minho». *O Minho Pittoresco*, t. II, pag. 47.

² *Bom Sucesso* — uma freguesia do 4.º bairro de Lisboa tem êste orago.

³ Esta Santa é protectora dos pescadores, que a ela recorrem nos perigos do mar.

⁴ S. Brás é advogado contra males de garganta. Festeja-se a 2 de Fevereiro.

⁵ *Serpins*, vila, na freguesia e concelho de Louzã (distrito de Coimbra).

⁶ *Barcelinhos*, freguesia e concelho de Barcelos, distrito de Braga.

⁷ *Forte de Santa Catarina*, Figueira da Foz. Vid. *Santa Catharina*, II, 92.

«S. Braz», Lisboa, I, 187; «S. Braz», Montemor-o-Velho, distrito de Coimbra, I, 191; «S. Braz», Mourilhe¹, I, 194; «S. Braz», I, 210; «S. Braz», B. M. 2 exemplares diferentes, II, 39; «S. Braz», Serpins, II, 78; «S. Braz», lugar dos Bujos², II, 81; «S. Braz, B. M.», Portas do Sol, Lisboa, II, 93; «S. Braz, B. M.», III, 51; «S. Braz», Portas do Sol, Lisboa, III, 53; «S. Braz», 4 exemplares diferentes, III, 59; «S. Braz», padroeiro da paróquia do Arco da Calheta, cromo³, III, 117; «S. Braz, B. M.», Tentugal⁴, III, 119; «São Braz», Castelo de Montemor-o-Velho, III, 178; «S. Braz, B. M.», 2 exemplares diferentes, IV, 165; «S. Braz, B. M.», venera-se na igreja das Portas do Sol em Lisboa, IV, 165; «S. Braz, B. e M.», IV, 170; «S. Braz», *Carv.º f(ecit)., ou f(ez)., IV, 177.*

Brígida (Santa).—«Santa Brígida», 3 exemplares diferentes, I, 49.

Brotas⁵.—«Nossa Senhora das Brotas», IV, 60.

A igreja de Nossa Senhora das Brotas provêm do milagre tradicional atribuído a esta Santa. É curiosa a lenda cantada pelo povo em onze estrofes, onde tem cinco versos as duas primeiras, são quadras as sete seguintes, e tem três versos as duas últimas. Diz que um lavrador perdeu uma vaca

que d'inverno mais de verão
 lhe sustentava
 a mulher e filhos sem pão.

Encontrou-a mas morta já, e começou a esfolá-la. Quando lhe havia cortado uma das mãos e semiesfolado a outra, apareceu-lhe a Virgem, e tornou-lhe a vida à vaca, dizendo que edificassem os habitantes uma capela naquele lugar, onde se deu a aparição; e ao voltar.

Achou a vaca pastando
 mais gorda e mais formosa,
 que êle d'antes a tinha...

Vid. folha da colecção de «Silva Vieira», de Espozende: *As Brotas*, por J. Maria Soeiro de Brito.

Outro passo da tradição da mesma Virgem diz que a imagem tem menos de um palmo de altura e foi feita pelas mãos dos Anjos; estes fizeram-na da canela da mão de uma vaca que a Santa ressuscitou em

¹ Mourilhe, freguesia e concelho de Montalegre, distrito de Vila Real.

² Bujos, povoação da freguesia de Miranda do Corvo (Coimbra).

³ Calheta, ilha de S. Jorge (Açores), cabeça de concelho.

⁴ Tentugal, concelho de Montemor-o-Velho (distrito de Coimbra).

⁵ Brotas (Águias) é uma vila do Alentejo central, concelho de Mora (distrito de Évora). Tem por orago Nossa Senhora das Brotas.

1470, a súplicas de um lavrador pobre. Tem romarias desde a Páscoa até o mês de Setembro.

Mappa de Portugal, J. Bautista de Castro, 3.^a edição, II, p. 145. *Corografia Portuguesa*, II, p. 439.

Cabeça. — «Nossa Senhora da Cabeça», Fornos de Maceira-Dão¹, I, 159; «Nossa Senhora da Cabeça», de Évora, IV, 64; «Nossa Senhora da Cabeça», de Évora, IV, 91.

No Bombarral, hoje cabeça de concelho, no distrito de Leiria, há uma freguesia de S. Braz, onde o *Mappa de Portugal*, de Bautista de Castro, anuncia haver em seu tempo a devoção da *Santa Cabeça*. Diziam ser ela de um «ditoso lavrador», a qual em certos dias festivos se expunha publicamente, como remédio infalível para o gado dos arredores, «obrando o Ceo evidentes maravilhas em confirmação da virtude desta santa reliquia».

Op. cit., 3.^a edição, II, p. 115.

Cabeça-Boa. — «Senhor Jesus de Cabeça-Boa»², que se venera em Bragança, I, 7.

Cabo. — «Nossa Senhora do Cabo», *Inv[entada]. e del[ineada]. por D[omingo].^{os} Augusto de Siqueira, gravada e oferecida A S. Alteza Real o Senhor D. João Príncipe do Brazil por Gregório Fran[cis]co d'Assis, e Queiroz*, I, 21; «Nossa Senhora do Cabo», 2 exemplares diferentes, um deles colorido, I, 39; «Senhora do Cabo», Linda-a-Velha³, II, 36; «Senhora do Cabo», Linda-a-Velha, II, 93; «Nossa Senhora do Cabo», III, 11; «Nossa Senhora do Cabo», III, 23; «Nossa Senhora do Cabo», III, 114; «Nossa Senhora do Cabo», 2 exemplares reduzidos, 2 exemplares maiores, diferentes, IV, 53; «Nossa Senhora do Cabo», IV, 60; «Nossa Senhora do Cabo», IV, 98; «Virgem Maria do Cabo, Senhora Nossa». *Aguilar comp[ôs]. e grav[ou].*, IV, 100.

Na Biblioteca Nacional encontra-se um códice de *Memórias*, que consta do que segue: *Sobre a antiguidade das Romarias, e da Romaria ao Sitio de Nossa Senhora do Cabo* (Memória 1.^a); *Do Aparecimento das Prodigiousas Imagens de Nossa Senhora da Nazareth* (Memória 2.^a), e *do Cabo* (Memória 3.^a e 4.^a), *pelas muitas relações que em si tem . . .* (Cod. Pombalino, 98).

Do culto desta Imagem da Nossa Senhora do Cabo diz: «Em todos os tempos obrou, e obra ao presente muitas maravilhas, como o testemunhão os sinaes dellas que se veem na sua Caza». (p. 50).

¹ Maceira-Dão, concelho de Mangualde.

² Cabeça-Boa, freguesia a poucos quilómetros de Bragança.

³ Linda-a-Velha, freguesia de Carnaxide, concelho de Oeiras (Lisboa).

Nas *Memórias* 3.^a e 4.^a faz-se menção do aparecimento da Virgem conforme as duas fases da lenda:—aparece em sonho ao velho de Alcabideche em 1380—; aparece a Imagem ao mesmo, e à velha da Caparica.

Na *Memória* 14.^a trata o códice *Do Festejo que costumão fazer as Freguezias denominadas do Termo, ou de Lisboa* (p. 78).

A Imagem actual foi mandada fazer no ano de 1751, no 11.^o Giro das Freguezias, pela Freguesia da Ferrugem que realizou a 24.^a romagem (p. 141).

A p. 39 referindo-se aos Círios de Nossa Senhora do Cabo Espichel, diz o manuscrito: «sendo em termos proprios de hum tão elevado objecto, qual he, o de agradar a Deos, unico fim porque as Romarias se principiãrão, concedêrão, e authorisãrão, dizêmos, que deste modo he a Romaria e festejo util, e pouco dispendioso».

A *Memória* 15.^a *Comporta os Annaes dos Giros das Freguezias* (ao Cabo). A p. 89 lembra que Fr. António da Piedade escreveu:

«Além das do Alemtejo são vinte e oito as Freguezias do Termo de Lisboa, que com os seus Círios a festejão», quando falava da ermida de Nossa Senhora do Cabo, na *Chronica da Provincia da Arrabida*, parte 1, L.^o 1.^o cap. 5, p. 19. Ora estas 24 freguezias administravam por sua vez o culto da Senhora do Cabo, e era à série completa destas freguezias que se chamava Giro.

Menciona as facilidades concedidas aos Romeiros por Bula Apostólica de 15 de Maio de 1585, confirmada em Ordem Real, na qual se dispõe que não tenham os Romeiros «algum impedimento em os caminhos, ou passagens de mar, ou Carreiros, Almocreves, Barqueiros, e mais pessoas, que os servirem pelo Meirinho dos Clerigos, ou outras justicas, se impetrará outra Bulla Apostolica para sua defeza.

A p. 206, diz: «Hia antigamente ao Sitio do Cabo no Cirio do Termo ou dos Saloios, hum Cirurgião da Caza Real, por conta do Infantado, e levava huma Botica volante para acudir aos Romeiros em cazo de necessidade».

Informa o manuscrito que a antiguidade do templo da Senhora do Cabo vem de há cinco séculos, o que dá quasi seis hoje, e festejando-se os Círios separados, desde o seu principio até 1430, ou em Giro de freguezias desde então por diante.

A todos os templos de romarias, dispersos pelo país sobrelevavam os do Cabo e da Nazareth, «que se chamavão Reaes».

Em uma gravura do principio oferecida a «S. A. R. o Serenissimo Senhor Infante D. Miguel Juis da Festividade do Cirio de Bellas, no presente anno de 1810», encimada pelo escudo real português, lê-se:

Dos nossos suspiros	As Lusos Esp'ranças
Sois Cabo ditoso,	Guardai-nos viçosas,
Amparo piedoso	Vergõntas mimosas
Na terra e no mar.	Do Tronco sem par.

O registo da Nossa Senhora do Cabo, a p. 23 do vol. III, desta colecção, «A S. A. R. o Serenissimo Principe Regente e Senhor Nosso | D. João | Protector Perpetuo do Regio Cirio de Lisboa | »

pelos festeiros de 1810, tem esta oitava a ladear em duas quadras o brasão real:

Ao <i>Príncipe</i> Luso Mil bençãos envia, Da sua Fé pia Tocada de dó.	A Paz e Abundância Dos homens prezadas Mandai-lhas ligadas Em plácido nó.
---	--

Caetano (S.).—«S. Caetano», *Godinho f(icit)*. ou *f(ez)*. Lisboa, I, 9; «S. Caetano da Divina Providência», 2 exemplares diferentes, I, 63; «S. Caetano», III, 195; «S. Caetano de Thiene», III, 195; «S. Caetano», IV, 206. Vid. *Cajetanus*.

Caetanos.—«Senhor dos Passos dos Caetanos»¹, I, 2.

Cajetanus (S.).—«S. *Cajetanus*, *Cler. Reg. Fundator*». Barros *f(icit)*. ou *f(ez)*., I, 8. Vid. *Caetano*.

Calvário.—«Estampa do Calvário», capela-mor da igreja do Real Santuário do Senhor Bom Jesus do Montè, subúrbios de Braga, I, 122; «Imagem do Senhor Jesus do Calvário», Parada do Pinhão², 2 exemplares diferentes, um colorido, I, 136; «Senhor do Calvário», 2 exemplares diferentes, vila de Gouveia (distrito da Guarda), I, 163; «O Senhor Jesus do Calvário», II, 33; «Senhor do Calvário» de Paços³, III, 143; «O Senhor Jesus do Calvário», IV, 1.

Camillo (S.).—«Santo Camillo», III, 60.

Campos.—«Nossa Senhora dos Campos», Sendelgas⁴, I, 219.

Candeias.—«Nossa Senhora das Candeias», Várzea de Goes⁵, I, 162.

Na *Revista Lusitana*, IX, 1906, p. 24, o Sr. P.^o António Gomes Pereira, meu saudosos professor de português no Liceu do Pôrto, publicou, entre as trovas populares de Vila Real, uma que se refere a esta invocação da Virgem:

Da minha janela rezo
 A Senhora das Candeias...

O culto desta Senhora é muito vulgarizado no norte do país. A alguém que mostra poucas luzes de razão costuma-se dizer-lhe: «Valha-te Nossa Senhora das Candeias».

Cardal.—«Milagrosa Imagem de Nossa Senhora do Cardal», que se venera na igreja do extinto convento da Vila de Pombal⁶. Tem

¹ Convento dos Caetanos, em Lisboa, hoje Conservatório de Lisboa.

² *Parada do Pinhão*, concelho de Sabrosa (Vila Real).

³ *Paços*, há muitas povoações com êste nome.

⁴ *Sendelgas*—Freguesia de S. Martinho de Álvaro, concelho de Oleiros (Castelo Branco).

⁵ *Várzea de Goes*, freguesia e concelho de Goes (distrito de Coimbra).

⁶ *Vila de Pombal* (distrito de Leiria).

lugar a festividade, e entrada de um homem no forno, na sexta-feira do último domingo do mês de Julho de cada ano. I, 153; «Milagrosa Imagem de Nossa Senhora do Cardal», convento de Pombal, 2 exemplares diferentes, III, 113.

Caridade.— Vid. «Caridade e Desamparados»; «Nossa Senhora do Terço e Caridade», S. Salvador de Coimbra, II, 41; «Milagroza Imagem de Nossa Senhora da Caridade», III, 114; «Senhor Jesus dos Navegantes e Nossa Senhora da Caridade», 2 exemplares diferentes, ermida à Lapa (Lapa, freguesia do 4.º bairro de Lisboa), III, 141; «Nossa Senhora da Caridade», Vila de Viana de Caminha, IV, 13; «O Senhor Jesus dos Navegantes e a Senhora da Caridade», IV, 21; «Milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Caridade», IV, 60.

Caridade e (dos) Desamparados.— «O Senhor Jezus da Caridade e dos Desemparados», que se venera em Alcântara (Lisboa), I, 4.

Carlos (S.).— «S. Carlos», *Santos, f(ez).*, ou *f(ecit).*, IV, 177.

Vid. *Relação summaria da vida, morte, milagres e canonização de S. Carlos Borromeu, Cardeal de Santa Praxed, Arcebispo de Milão, Protector do Reyno de Portugal*, tradução «da lingua toscana» por Fr. Pedro Fragoso (carmelita), Lisboa, 1616.

Carmo.— «Nossa Senhora do Carmo», não tem designação, gravada em pano, I, 10; «Nossa Senhora do Carmo», I, 38; «Nossa Senhora do Monte do Carmo», 1 exemplar muito pequeno, I, 152; «Nossa Senhora do Carmo», I, 174; «Nossa Senhora do Carmo da Penha», Guimarães (distrito de Braga), I, 175; «Nossa Senhora do Carmo e Santa Filomena» (Viana do Minho), I, 226; «Nossa Senhora do Carmo», I, 230; «Nossa Senhora do Carmo», I, 232; «Nossa Senhora do Carmo» (e 1 exemplar minúsculo sem designação), II, 36; «Nossa Senhora do Carmo», sem designação, exemplar minúsculo, II, 41; «Nossa Senhora do Carmo», 2 exemplares diferentes, II, 53; «Nossa Senhora do Monte do Carmo», II, 68; «Nossa Senhora do Carmo», da igreja do convento do Carmo, em Tentugal (concelho de Montemor-o-Velho, distrito de Coimbra), II, 75; sem designação, 2 exemplares minúsculos, III, 11; sem designação, 2 exemplares minúsculos, III, 21; «Nossa Senhora do Carmo», III, 75; «Nossa Senhora do Carmo», Rua das Figueirinhas, exemplar grande, III, 109; «Nossa Senhora do Carmo», Ponta Delgada (Açores), III, 148; sem designação, 2 exemplares diferentes, III, 174; sem designação, exemplar pequeno, IV, 79.

Carolus Borromoeus (S.).— «*Vera effigies Santi Caroli Borromoei*», *N. J. Baptista sculp(sit) ou sculp(iu).*, IV, 174. Vid. *Carlos*.

Carquere.—«Nossa Senhora de Carquere»¹, *Santos f(icit). ou f(ez).*, Pôrto, I, 31.

Diz a tradição, inflamada pelos frades cronistas do Reino, que foi esta imagem que concedeu ao fundador da monarquia a mercê de poder andar escorreitamente sem o defeito com que nasceu.

Monarquia Lusitana, Barbosa Machado. Liv. 9, cap. 6.

Cartuxa.—«Senhor Jesus da Cartuxa», Évora, II, 93.

Carvalho.—«O Senhor Jesus de S. Pedro do Carvalho»², 2 exemplares diferentes, I, 6.

Castello.—«Nossa Senhora do Castello, Padroeira de Vila de Coruche» (distrito de Santarém), *Godinho f(icit) ou f(ez)*, I, 27; «Milagroza Imagem de Nossa Senhora do Castello», que se venera em Mangualde (distrito de Viseu), I, 140; «Nossa Senhora do Castello», Padroeira da Vila de Coruche, exemplar minúsculo, IV, 53.

Catharina (Santa) ou *Catarina.*—«Santa Catharina», V. M., I, 46; «Santa Catharina Senensis»³, II, 23; «Santa Catarina», Capela do Forte, Figueira da Foz, II, 92; «Imagem de Santa Catharina», Monte Sinai, de Lisboa, 4 exemplares diferentes (3 coloridos), III, 28; «Santa Catharina», exemplar minúsculo, III, 29; «Santa Catharina», 3 exemplares, III, 35; «Santa Catherina de Bolonha», III, 39; «Santa Catharina», III, 40; «Santa Catharina», III, 44; «Santa Catharina», 2 exemplares diferentes, III, 45; «Santa Catharina», III, 55; «Santa Catharina do Monte Sinai» (Lisboa Ocidental), 2.º Bairro, III, 155; «Santa Catharina de Sena», IV, 131; «Santa Catharina de Sena», IV, 133; «Santa Catharina», V. M., IV, 135.

Catrina.—Vid. *Catharina.*

Cecilia (Santa).—«Santa Cecilia», exemplar minúsculo, III, 29; «Santa Cecilia», III, 42; «Santa Cecilia», III, 103; «Santa Cecilia», IV, 131.

Santa Cecilia é a Euterpe cristã. Festeja-se a 22 de Novembro, e é advogada dos músicos, cantores e pastores. É curiosa a inclusão dos pastores, pelas evocações bucólicas da frauta amena, e dos cantos selvagens da montanha, «agreste avena ou frauta ruda», *Lusiadas*, I, 5. Em cidades da Itália é festejada pelos músicos com festas de arte.

¹ *Carquere*, freguesia e concelho de Resende (distrito de Viseu).

² *Carvalho*, há numerosas povoações com este nome, das quais o *registo* não especifica.

³ Santa Catarina de Sena, festejada a 30 de Abril, é como S. Bartolomeu advogada contra as tentações do Diabo.

Vid. o romance de Santa Cecilia, de Atalaia, in *Revista Lusitana*, ix, 98; *Tradições populares e linguagem de Atalaia*, estudo de Monteiro do Amaral.

Advogada dos músicos, cantores e pastores, é festejada a 22 de Novembro.

Ceo. — «Nossa Senhora do Ceo», iv, 105.

Chagas. — «Senhor Jesus das Chagas», da freguesia de Santa Maria de Infias¹, i, 132; «Senhor Jesus das Chagas», Misericórdia de Cezimbra², 2 exemplares, ii, 35; «Senhor Jesus das Chagas», convento das religiosas de Viana do Alentejo (distrito de Évora), ii, 56; «As Chagas de Christo», iv, 8; «As Chagas de S. Francisco», *Godinho f(ecit) ou f(ez)*. Vid. *Francisco das Chagas (S.)*, iv, 177.

Chrispim (S.). — «S. Chrispim e S. Chrispiniano», M. M., i, 64; Id., ii, 39; «Nossa Senhora do Parto, S. Crispim e S. Crispiniano», iv, 72; «S. Crispim e S. Crispiniano», iv, 72.

S. Chrispim e S. Chrispiniano, mártires portugueses, são padroeiros da cidade de Lisboa. Festejam-se no dia 25 de Outubro. São também, os dois, advogados dos surradores, tapeteiros e curtidores. O padroado destes santos provêm de se ter tomado Lisboa aos Mouros e entrado nela no dia da festa destes mártires, em 1147. Vid. *História Eclesiástica da Igreja de Lisboa*, de D. Rodrigo da Cunha, parte i, fl. 63 v.

A ermida de S. Crispim e S. Crispiniano era administrada por uma grande Irmandade de sapateiros. Ficava às portas de Alfoga, a S. Mamede. *Mappa de Portugal*, J. Bautista de Castro, 3.^a ed., iii, p. 191.

Nas «Bandeiras e Officios da Casa dos Vinte e Quatro» instituídas por D. João III (1539), e reformadas por D. José I (1771). S. Crispim patrocina os officios: cabeça: Sapateiros e Curtidores; anexos: Surradores, Obreiros. Era a *Bandeira de S. Crispim*. (De um manuscrito da Biblioteca Nacional, 653, Coleção Pombalina p. 78).

Chrispiniano (S.). — Vid. *Chrispim*, i, 64.

Christina (Santa). — «Santa Christina», i, 46.

Christo. — «Jesus Christo», de Guimarães (cidade do distrito de Braga), i, 166; Jesus Christo com a cruz às costas, sem designação, i, 197; «Santo Christo dos Cardaes»³, Lisboa, iii, 3; «O Senhor Santo Christo das Misericórdias», cidade de Angra do Heroísmo,

¹ *Infias*, freguesia e concelho de Guimarães (distrito de Braga).

² *Cezimbra*, vila e cabeça de concelho do distrito de Lisboa.

³ *Cardaes*, freguesia de Brogueira, concelho de Tôrres Novas (Santarêm).

Ilha Terceira (Açôres), III, 4; «Senhor Santo Christo dos Milagres *Ecce Homo*», Ilha de S. Miguel, Ponta Delgada (Açôres), III, 67; «Senhor Santo Christo dos Milagres», Ponta Delgada com Santa The-reza da Anunciada, III, 68; «Senhor Santo Christo», Praia do Almo-xarife, Ilha do Faial (Açôres), III, 92; «Retrato da Imagem do Senhor Santo Christo», Vila da Praia da Vitória (Ilha Terceira), III, 137; «Santa Imagem de Christo», Convento do Carmo¹, Lisboa (2.º bairro), III, 190; «As chagas de Christo», IV, 8.

Christovão (S.). — «S. Christovão», I, 213; «S. Christovão», Ponte de Lima (distrito de Viana do Castelo), I, 213; sem designação, exem-plar minúsculo, III, 53; «S. Christovão», III, 191; «S. Christovão», IV, 173.

S. Cristóvão é o Hércules greco-romano cristianizado, como tan-tas outras formas ideais ou reais, que o simbolismo pagão criou e a religião cristã santificou. Escreveu Rodrigues Cordeiro, in *As Re-públicas*, 14, «A lenda de S. Christovão»: que em certas partes do Minho, como em Barcelos, Viana, Vila do Conde, encontra-se o santo sempre agigantado, empunhando o seu bordão. As procissões, hoje impossíveis com os fios telegráficos e telefônicos, como também por evitar o ridículo do aparato d'este santo, deixaram na tradição no-tícias alegres. S. Cristóvão é advogado contra o fastio. No *Minho* de António da Costa, p. 151, fala o A. do colossal S. Cristóvão de Viana, e diz que era advogado dos larápios.

Vid. *Legenda Aurea* de Voragine.

Nas festas de Braga, em honra de S. João, figurava S. Cristóvão na scena do batismo, em attitude de atravessar o rio Jordão. O Santo, que é muito do agrado dos atacados de fastio, era anticamente levado num andor em procissão de *Corpus Christi*; o Município de Braga concedia certos privilégios aos lavradores da Aldeia de Ferreiros, vizinha, que levassem o andor. *Archeologia Christã*, Albano Bellino, p. 143.

Circulo. — «Nossa Senhora do Circulo», freguesia do Furadouro² (4-1902, Coimbra), I, 148.

Clara (Santa)³. — «Santa Clara», III, 31; «Santa Clara», III, 43.

Clavér. — Vid. *S. Pedro*.

¹ O Convento do Carmo foi fundado pelo Condestável D. Nuno Alvares Pe-reira, séc. xiv, que nele professou e morreu. Foi destruído pelo terramoto de 1755; na abside do templo gótico está instalado o Museu de Archeologia da As-sociação dos Archeólogos Portugueses. No convento modificado está um quartel.

² *Furadouro*, freguesia e concelho de Condeixa (distrito de Coimbra).

³ Santa Clara é advogada contra os perigos de incendio, como S. Marçal, S. Mamede e S. Clemente. É festejada a 12 de Agosto.

Clemente (S.)¹. — «S. Clemente» (Braga), 2 exemplares diferentes, I, 209; «Vera effigie de S. Clemente M. colocado na igreja dos PP. Congregados do Pôrto», II, 65; «S. Clemente», Lamas², III, 178.

S. Clemente (Flavius Clemens) foi o sucessor de S. Pedro, no solio romano (séc. I). Pertencia à casa imperial dos Flavios e, foi vítima de Domiciano, seu primo, que o mandou decapitar. Vid. Kraus, *Real-Encyklopädie*, I, p. 297; e Allard, *Histoire des persécutions*, I, p. 125. No tempo de Constantino (séc. IV), ganha a liberdade de culto, os Cristãos edificaram, sobre a casa de S. Clemente, em Roma, um templo que no séc. XII, foi sobreposto por um dos mais curiosos monumentos cristãos: a *basilica de S. Clemente*, que assenta entre o Coliseu e o Palacio de Latrão. É advogado dos ferrageiros (23 de Novembro).

Cola (Colla). — «Nossa Senhora da Colla da Villa de Ourique»³, II, 75; «sem designação», igual à imagem arteeedente, II, 75.

Columna. — «Senhor Jezus amarrado à columna», I, 3.

Comba (Santa). — «Santa Comba V. M.», que se venera em Valle-Meão⁴, I, 89; «Santa Comba», III, 36; «Santa Comba», Capela de Val-Meão, III, 100; «Santa Comba, V. M. (*adevogada da Asma*)», IV, 132.

«Sancta Columba virgem, que vulgarmente chamão, Sancta Comba, foi natural de Coimbra. A qual segundo a tradição . . . foi morta . . . não longe do Mosteiro de Cellas . . . Seu corpo stá na sancristia do mosteiro de Santa Cruz da mesma cidade . . . Sua festa se celebra a trinta & hum de Dezembro». *Descrição do Reino de Portugal*, Duarte Nunes de Leão, 1610, fl. 81 v.

Santa Comba. O *Mappa de Portugal* de João Batista de Castro, menciona pelo menos quatro santas dêste nome: uma no Minho (3.^a ed., II, p. 85), duas na Beira (id. 94), uma no Alentejo (id. 105).

Nos *Serões*, vol. III, n.^o 15, de 1902, o Sr. Raúl Brandão descreve comovidamente o milagre da transfiguração e a lenda medieval do martirio de Santa Comba, de Coimbra, filha de um tudesco e de mãe portuguesa. Nas circunvizinhanças de Coimbra, no local onde foi encontrada a Santa, quando perseguida pelos soldados do principe a quem o pai a dera por escrava, e onde suas lagrimas se convertiam em fonte cristalina, há uma capela de Santa Comba. É na Fonte Santa, e lá está uma escultura que representa o martirio da santa.

Há um poemeto do séc. XVI, em que se descreve a lenda da Santa, «*História de Santa Comba dos Valles*».

¹ S. Clemente é advogado dos ferrageiros, e é invocado contra o fogo. Festeja-se no dia 23 de Novembro.

² Lamas, freguesia e concelho de Miranda do Corvo (distrito de Coimbra).

³ Ourique, vila do distrito de Beja.

⁴ Val-Meão = de Meão? - Meão, concelho de Esposende ou Castro Daire.

Compaixão.—«Nossa Senhora da Compaixão», III, 85; «Nossa Senhora da Compaixão», Práia do Almoxarife, Ilha do Faial, exemplar grande, fotogravura, III, 149; «Senhor Jesus da Compaixão», freguesia do Socorro, Lisboa (1.º bairro), IV, 14.

Conceição¹.—«Nossa Senhora da Conceição», não tem designação, é gravada em pano, I, 10; «Nossa Senhora da Conceição», venera-se na Real Capela de Nossa Senhora da Conceição, em Lisboa, I, 24; «Nossa Senhora da Conceição», I, 24; «Immaculada Conceição», I, 25; «Nossa Senhora da Conceição», que se venera no colégio de S. Lourenço da cidade do Porto, I, 33; «Nossa Senhora da Conceição», I, 33; «Nossa Senhora da Conceição», I, 38; «Imagem da Immaculada da Conceição», do Monte Sameiro, nos subúrbios de Braga, I, 42; «Monumento da Immaculada Conceição», do Monte Sameiro, nos subúrbios de Braga, *Potte gr(a)v(ou)*, I, 42; «Nossa Senhora da Conceição», I, 53; «Nossa Senhora da Conceição», que se venera na sua capela em S. Domingos, de Lisboa, *Carv(alho) f(ecit). ou f(ez).*, I, 53; «Imagem da Immaculada Conceição», 2 exemplares diferentes, I, 56; «Milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Conceição», descoberta na Ribeira de Jamor, freguesia de Carnaxide² em 28 de Maio de 1822», I, 56; «Immaculada Conceição», do Monte Sameiro, subúrbios de Braga, colorido, 1881, I, 67; «Nossa Senhora da Conceição», que se venera na Misericórdia da Figueira, 4 exemplares diferentes, 2 coloridos, I, 69; «Nossa Senhora da Conceição», que se venera na Real Capela de Nossa Senhora da Conceição de Lisboa, 2 exemplares diferentes, I, 71; «Nossa Senhora da Conceição», que se venera em Condeixa-a-Nova, I, 72; «Immaculada Conceição», que se venera em Lamego, 1885, I, 75; «Nossa Senhora da Conceição», que se venera na Igreja do Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, 1867, *Dôres f(ez)*, I, 82; «Nossa Senhora da Conceição», que se venera em Coimbra, 2 exemplares diferentes, I, 88; «Nossa Senhora da Conceição, da Sé Patriarcal de Lisboa (cópia da verdadeira imagem de Nossa Senhora da Conceição da Rocha)», I, 143; «Nossa Senhora da Conceição», que se venera na Capela da Venerável Ordem Terceira, da Figueira da Foz, I, 143; 3 exemplares sem designação, I, 144; «Nossa Senhora da Conceição Velha», em Lisboa, I, 151; «Nossa Senhora da Conceição», venera-se em Lisboa na Real Capela da Conceição

¹ Esta Senhora teve culto oficial na monarquia portuguesa desde que el-rei D. João IV, pôs o reino sob a protecção dela, de acôrdo com as *Côrtes Gerais*.

² *Carnaxide*, freguesia e concelho de Oeiras (distrito de Lisboa).

Velha, I, 153; «Imagem de Nossa Senhora da Conceição», Coimbra, I, 155; «Nossa Senhora da Conceição», I, 157; «Nossa Senhora da Conceição», Aldeia das Possés, freguesia do Castelo de Penalva¹, I, 159; sem designação I, 160 e 162; «Immaculada Conceição», do Monte Sameiro, I, 171; «Immaculada Conceição», do Monte Sameiro, I, 218; «Immaculada Conceição», 2 exemplares diferentes, sem designação, I, 230; «Immaculada Conceição da Rocha», I, 231; «Nossa Senhora da Conceição», 2 exemplares diferentes, I, 231; «Senhora da Conceição da Rocha», 2 exemplares diferentes, I, 231; «Nossa Senhora da Conceição», I, 232; «Nossa Senhora da Conceição», Figueira da Foz, 2 exemplares diferentes, II, 10; «Nossa Senhora da Conceição», Elvas, II, 13; «Nossa Senhora da Conceição», que se venera a S. Luís, Lisboa, II, 36; sem designação, 2 exemplares minúsculos, II, 36; sem designação, 1 exemplar id., II, 40; sem designação, 2 exemplares id., II, 44; «Nossa Senhora da Conceição», que se venera em S. Tiago, Lisboa, II, 46; «Nossa Senhora da Conceição», que se venera em S. Francisco, II, 46; Vid. *Ponta do Caes*; «Prodigiosa Imagem de Nossa Senhora da Conceição», 2 exemplares diferentes, 1 exemplar sem designação, II, 53; sem título mas jaculatória, II, 64; «Nossa Senhora da Conceição», de Vagos, Aveiro, II, 72; sem designação, 1 exemplar minúsculo, II, 93; «Nossa Senhora da Conceição», freguesia dos Anjos, Lisboa, III, 10; «Nossa Senhora do Conceição», 2 exemplares diferentes, III, 14; «Nossa Senhora da Conceição», de Santa Cruz de Coimbra, III, 15; «Nossa Senhora da Conceição», S. Tiago, Coimbra, III, 16; «Nossa Senhora da Conceição», Mosteiro de S. Francisco, de Coimbra, III, 16; «Nossa Senhora da Conceição», do Monte Sameiro, Braga, III, 16; «Nossa Senhora da Conceição», III, 19; «Nossa Senhora da Conceição», 2 exemplares diferentes, 1 d'elles dos Anjos, Lisboa, III, 20; «Nossa Senhora da Conceição», Padroeira do Reino, III, 22; «Nossa Senhora da Conceição», que se venera em S. Tiago, Coimbra, III, 78; «Nossa Senhora da Conceição», Santa Cruz de Coimbra, e S. Tiago de Coimbra», III, 78 e 79; «Nossa Senhora da Conceição», do Rangel, III, 79; «Immaculada Conceição», Madeira, III, 81; «Nossa Senhora da Conceição», freguesia da Conceição de Lisboa, III, 129; «Nossa Senhora da Conceição», igreja das Trinas, Rato, Lisboa, III, 132; «Immaculada Conceição», Vila Franca do Campo, Ilha de S. Miguel, exemplar fotografado, III, 145;

¹ *Penalva*, distrito de Coimbra (Penalva de Alva), distrito de Vizeu (Penalva do Castelo). Qual?

«Nossa Senhora da Conceição», Rangel, Coselhas¹, 2 exemplares diferentes, III, 145; «Nossa Senhora da Conceição», Rangel, Coselhas, exemplar colorido (monocromico), III, 147; «Nossa Senhora da Conceição», Santa Cruz de Coimbra, exemplar grande, fotogravura, III, 150; «Immaculada Conceição», Figueira da Foz, III, 151; «Nossa Senhora da Conceição», Santa Cruz de Coimbra, III, 151; «Nossa Senhora da Conceição», 2 exemplares diferentes, III, 166; «Nossa Senhora da Conceição», freguesia de Santos-o-Velho, Lisboa (4.º bairro), III, 166; «Nossa Senhora da Conceição», igreja de Santa Catarina, Lisboa (2.º bairro), exemplar colorido de azul, III; «Nossa Senhora da Conceição», da Sé Patriarcal, Lisboa, 2 exemplares diferentes, III, 169; sem designação, 2 exemplares pequenos, III, 174; «Nossa Senhora da Conceição», de Lisboa, IV, 60; «Nossa Senhora da Conceição», 4 exemplares diferentes, IV, 62; «Nossa Senhora da Conceição», da escada do Convento de Jesús, IV, 64; sem designação, 3 exemplares diferentes, IV, 81; «Nossa Senhora da Conceição», 4 exemplares diferentes, IV, 83; «Nossa Senhora da Conceição», 2 exemplares diferentes, IV, 87; «Nossa Senhora da Conceição», capela do Carvalhido, Pôrto, IV, 89; sem indicação, IV, 90; «Nossa Senhora da Conceição», IV, 91; «Nossa Senhora da Conceição», IV, 94; «Nossa Senhora da Conceição», exemplar grande, zincogravado, IV, 99; «Nossa Senhora da Conceição», 2 exemplares diferentes, IV, 108; «Nossa Senhora da Conceição», da igreja dos Religiosos de S. Pedro de Alcântara, Lisboa, IV, 109; «Nossa Senhora da Conceição», IV, 110; sem indicação, 2 exemplares diferentes, IV, 110.

Junto de Paredes de Coura, há romaria no mês de Julho à capela de Nossa Senhora da Conceição, *Minho Pittoresco*, I, p. 125.

Nas «Bandeiras e officios da Casa dos Vinte e Quatro», instituição de D. João III (1539), confirmado por D. José na *Nova Regulação*, de 3 de Dezembro de 1771, Nossa Senhora da Conceição, patrocinava os officios: Cabeça: Córreeiros; Anexos: seleiros e freeiros. Era a *Bandeira de Nossa Senhora da Conceição*. (De um manuscrito da Biblioteca Nacional, cod. pombalino, 653, p. 78).

Conceição da Corôa.—«Nossa Senhora da Conceição da Corôa», que tem culto no hospital da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade², Lisboa, IV, 89.

Conceição da Rocha.—Vid. *Rocha*.

¹ *Coselhas*, concelho de Coimbra.

² Hoje é o edificio da Biblioteca Nacional, Academia de Belas Artes e Museu de Arte Contemporânea.

Confiança.—«Milagrosa Imagem da Nossa Senhora da Confiança», venera-se em Pedrógão Pequeno¹, I, 140; «Nossa Senhora da Confiança», Pedrógão Pequeno, I, 177; «Nossa Senhora da Confiança», Pedrógão Pequeno, III, 132; «Veneranda Imagem da Nossa Senhora da Confiança», Pedrógão Pequeno, fotografatura, III, 166.

Consolação.—«Nossa Senhora da Consolação, Santo Agostinho e Santa Mónica», que se veneram na igreja da Graça, Lisboa (1.º bairro), I, 77; «Nossa Senhora da Consolação», que se venera em Pedrógão Grande², I, 153; «Nossa Senhora da Consolação», Pedrógão Grande, I, 180; «Senhor Jesus da Consolação», autógrafo, IV, 5; «Nossa Senhora da Consolação», de Agoalva³, IV, 65.

Coração.—«Nossa Senhora do Sagrado Coração», 1867, I, 89.

Coração de Jesus.—«Copia do painel do Sagrado Santíssimo Coração de Jesus», da cidade de Elvas (Alentejo), I, 10; «Santíssimo Coração de Jesus», que se venera na igreja de Arcosellos⁴, I, 11; «O Santíssimo Coração de Jesus» (Basilica fundada por D. Maria I em 1779, Estrêla), I, 122; «Sagrado Coração de Jesús», Lisboa, I, 164; «O Santíssimo Coração de Jesus», I, 167; «Sagrado Coração de Jesús», Pezo⁵, I, 168; «Santíssimo Coração de Jesus», Lisboa, I, 233; «O Santíssimo Coração de Jesus», 3 exemplares diferentes, I, 234; «Santíssimo Coração de Jesús», exemplar colorido, II, 36; «Sagrado Coração de Jesús», Lousã, 2 exemplares diferentes, um colorido, II, 98; «Sagrado Coração de Jesus», Santa Cruz de Coimbra, III, 99; «Sagrado Coração de Jesus», Ilha de S. Jorge, fotografatura, III, 137; «Copia da Imagem do Sagrado Coração de Jesus», Cidade da Horta, fotografatura, exemplar grande, III, 138; «Copia fiel da Imagem do Sagrado Coração de Jesus», Praia do Almoxarife, Ilha do Faial, fotografatura, exemplar grande, III, 138; «O Coração de Jesús», 3 exemplares diferentes, fotografatura, III, 140; «Santíssimo Coração de Jesus», 2 exemplares diferentes, IV, 9; «O Santíssimo Coração de Jesus», Real Mosteiro do Santíssimo Sacramento de Alcântara, Lisboa (4.º bairro), IV, 11; «O Santíssimo Coração de Jesus», igreja dos Religiosos Barbados, Italianos, Lisboa, IV, 11.

¹ *Pedrógão Pequeno*, vila, freguesia do concelho da Sertã (distrito de Castelo Branco).

² *Pedrógão Grande*, vila e cabeça de concelho (distrito de Leiria).

³ *Agoalva*, freguesia de Belas, concelho de Sintra.

⁴ *Arcosellos*, freguesia e concelho de Moimenta da Beira (distrito de Viseu).

⁵ *Peso*, uma freguesia com este nome no concelho da Covilhã, outra cabeça de concelho do distrito de Castelo Branco.

Coração de Jesus e Maria. — «Sem designação», 2 exemplares (*M. B. Princeps inv(enit)*, 1779), I, 233; «Coração de Jesus e Maria Jozé», IV, 9.

Coração de Maria. — «Santissimo Immaculado Coração de Maria», venera-se em Amarante (distrito de Vila Real), I, 26; (Sem designação), I, 29; (Sem designação), I, 35; «O Coração Santissimo e Imaculado da Bemaventurada Virgem Maria», 2 exemplares diferentes, um deles tem *M. J. Lecoingt fecit*, I, 88; «Nossa Senhora do Imaculado Coração de Maria», que se festeja no último domingo de Agosto em Bêsteiros¹, I, 141; «Sagrado Coração de Maria», venera-se na igreja da Conceição Velha, em Lisboa, I, 145; «Doce Coração de Maria, sêde a minha salvação (300 dias de indulgências)», I, 145; sem desigração, exemplar minúsculo, I, 152; «Dulcissimo Coração de Maria», 2 exemplares diferentes, I, 233; «Santissimo Coração de Maria», 2 exemplares diferentes, I, 233; «Santissimo Coração de Maria», I, 234; «Coração de Maria» (Vila Real), II, 52; «Coração de Maria», Rio Tinto², II, 52; «Coração de Maria», igreja Nossa Senhora da Conceição, Lisboa, IV, 61; «Santissimo Coração de Maria e Santa Quiteria», vid. *Graças*; «Imaculado Coração de Maria», cidade de Bragança, igreja de Santa Clara, IV, 91.

Corleonte. — Vid. *Bernardo*.

Corôa (Nossa Senhora). — «Nossa Senhora da Corôa», vid. *Nossa Senhora*, II, 23; «Nossa Senhora da Conceição da Corôa». Vid. *Conceição da Corôa*.

Coroação. — «Assumpção e Coroação da Santissima Virgem», *Quadro de Hess*, fotogravura, III, 151.

Crispim (S.). — Vid. *Chrispim*.

Crispiniano (S.). — Vid. *Chrispiniano*.

Crucificado. — «sem indicação», I, 4; «sem indicação», I, 11; «sem indicação», exemplares grosseiros de gravura em madeira, pequenos, 2 exemplares diferentes, I, 197; «sem indicação», I, 211; «sem indicação», III, 139; «sem indicação», 3 exemplares diferentes, IV, 5; «sem indicação», 3 exemplares diferentes, IV, 11.

Crucifixo. — «Veneranda Imagem do Santo Crucifixo na forma que appareceu no primeiro Rei de Portugal em o Campo de Ourique, a

¹ Bêsteiros, há uma freguesia com êste nome no concelho de Paredes (distrito do Pôrto), outra no concelho de Amares (distrito de Braga). ¿A qual se refere o registo?

² Rio Tinto, como em relação à anterior, não há indicação precisa de que localidade se trata.

qual se venera na igreja do Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra», II, 2.

Ao milagre se refere Camões nos 3.º e 4.º versos da Estância XLV do Canto III dos Lusíadas:

Quando na Cruz o Filho de Maria,
Amostrando-se a Affonso, o animava.

A lenda dêste aparecimento do Crucificado, ao rei D. Afonso Henriques, vem desde o séc. XII, numa época de fé e de necessário prestígio cristão (*Chronica Gothorum*), até a *Monarquia Lusitana*, de Brandão, parte 3.ª, liv. 10.º, cap. 3.º, por todos os freis cronistas, para acabar em grande azafama nas mãos de Alexandre Herculano (*Historia de Portugal*, I, 329, e *Notas*, XVI, p. 482 a 487).

Os aparecimentos desta natureza andam muito em voga na lenda cristã, desde a cruz de Constantino com a letra *In hoc signo vinces*, resuscitada em Portugal, nos nossos cruzados de D. Manuel I, etc. São a continuidade mítica das intervenções dos deuses de Homero na luta dos homens, à volta de Tróia; no Canto XVI, da Iliada, Apolo salva e incita Glauco de encontro aos Gregos, no Canto IX, vid. a princípio as invectivas de Agamemnon contra Zeus «bárbaro deus», que lhe tinha prometido por sinais manifestos e confirmado que voltaria à pátria, arrasados os muros de Tróia.

Cruz.—* 4 cruzes diferentes na côr, que tem por baixo escrito o seguinte: 18 . . Hospital de S. Lázaro, I, 118; * 1 cruz com os seguintes dizeres: São Lázaro, advogado contra Lepra Mortífera e Mal de Pelle, I, 120; * outra com o seguinte: 1864 Hospital de S. Lázaro, I, 120; * outra com o seguinte: S. Lázaro advogado de Lepra Mortífera e Mal de Pelle, I, 120; «Milagrosa Imagem do Senhor Bom Jesus da Cruz», que se venera no seu Majestoso Templo no campo da Feira, em Barcellos, I, 122; «sem designação», II, 79; «Bom Jesus da Cruz», Templo no campo da Feira, Barcellos, III, 92; «Nossa Senhora do Pé da Cruz», IV, 1; Exaltação da Santa Cruz das Almas, IV, 8.

Cruzeiro.—«Senhor Jesus do Cruzeiro de Rio Seco»¹, III, 9.

Cupertino.—«S. José de Cupertino», *J. C. Silva inv(enit), G. F. Machado sculp(sit)*, IV, 181.

Custódio (Anjo)².—«Anjo Custódio», que se venera em Bucelas³, *Carv.º f(ecit)*. ou *f(ez)*. Lisboa, I, 15; *Anjo Custódio do Reino*, I, 15.

* Todas estas cruzes são cantonadas de raios.

¹ S. Pedro de *Rio Sêco*, freguesia e concelho de Almeida.

² O *Anjo Custódio* é S. Rafael. Vid. êste santo.

³ *Bucelas*, freguesia e concelho de Loures (distrito de Lisboa).

Cyro (S.).—«S. Cyro», Médico Mártir, que se venera na Igreja das Religiosas Trinas de Nossa Senhora da Soledade do Mocambo, Lisboa (4.º bairro), II, 65; «S. Cyro Médico Mártir», IV, 172.

Daniel (S.).—«S. Daniel Profeta»¹, IV, 173.

Desamparados ou Desemparados.—Vid. *Caridade*; «Senhor Jesus dos Desemparados», I, 110; «Nossa Senhora dos Desamparados», III, 20.

Desamparo.—«Nossa Senhora no Desamparo», igreja de Xabregas², II, 36.

Descimento da Cruz.—«Descimento da Cruz», III, 92.

Deserto.—«S. João do Deserto», Espinhal³, II, 84.

Despacho.—«Nossa Senhora do Bom Despacho», do Coleginho, 2 imagens diferentes: I, 23.

Destêrro.—«Nossa Senhora do Desterro», (98-4, Coimbra), I, 149; «Nossa Senhora do Desterro», II, 96; «Nossa Senhora do Desterro», Lisboa? III, 19; «Nossa Senhora do Desterro», Vila de Monmor-o-Velho (distrito de Coimbra), III, 110.

Dias.—«Milagrosa Imagem de S. Pedro Dias», Sernache⁴, III, 127.

Diogo (S.).—«S. Diogo», III, 53; «S. Diogo», IV, 177.

Dolorosa.—«*Mater Dolorosa*», I, 37; «*Mater Dolorosa*», 2 exemplares diferentes, II, 46.

Dominações.—«Nossa Senhora das Dominações», 4 exemplares diferentes, I, 24. Um deles é colorido, e outro tem a assinatura do gravador: *G. Frois f(ecit) ou f(ez)*.

Domingos (S.).—«S. Domingos», I, 62; «S. Domingos de Gusmão», Corrélos⁵, I, 196; «S. Domingos», exemplar minúsculo, II, 62; «S. Domingos em Soriano», III, 51; «S. Domingos», III, 53; «S. Domingos em Soriano», III, 57; «Prodigioza Imagem de S. Domingos em Soriano», IV, 173; «S. Domingos», exemplar colorido, IV, 176.

Dôres.—«Nossa Senhora das Sete Dôres», I, 23; «Nossa Senhora das Dôres», I, 32; «Nossa Senhora das Dores» (colorido), I, 36; «Nossa Senhora das Dores», I, 37; «Nossa Senhora das Dores»,

¹ Vid. *Livro de Daniel*, na «Bíblia» (Velho Testamento).

² Lisboa (1.º bairro).

³ *Espinhal*, freguesia e concelho de Penela, (distrito de Coimbra).

⁴ *Sernache*, dos Alhos (freguesia e concelho de Gaya, distrito do Porto), ou do Bom Jardim (freguesia e concelho de Sertã, distrito de Castelo Branco)?

⁵ *Corrélos*, concelho de Guimarães (Braga).

venera-se no Real Santuário do Bom Jesus do Monte, subúrbios de Braga. *A. P. Silva Braga gr(a)v(ou)*, I, 43.

«Nossa Senhora das Dores», I, 43; «Senhora das Dores», venerada na Ordem Terceira do Carmo do Pôrto, I, 44; «Nossa Senhora das Dores», 2 exemplares diferentes, venerada na igreja do Santissimo Coração de Jesus, Lisboa. *J. J. Santos f(icit)*, um em 1831 e outro em 1832, I, 54; «Nossa Senhora das Dores», venerada na sacristia da capela de S. Roque do Arsenal de Marinha, Lisboa. No dia 4 de Agosto de 1863, *J. J. S. f(icit)*, I, 54; «Nossa Senhora das Dores», I, 54; «Nossa Senhora das Dores», 2 exemplares diferentes, I, 55; «Nossa Senhora das Dores», que se venera em Verdemilho¹, 2 exemplares diferentes, I, 71; «Nossa Senhora das Dores», que se venera em Santo António dos Olivais, Coimbra, 2 exemplares diferentes, I, 73; «Nossa Senhora das Dores» Que se venera em Santo António dos Olivais, I, 74; «Senhor Jezus dos Remedios e Nossa Senhora das Dores», que se veneram em Celas (Coimbra), 2 exemplares diferentes, I colorido, I, 110; «Nossa Senhora das Dores», venerada na igreja da Conceição Velha, Lisboa, I, 138; «Nossa Senhora das Dores», venerada na Figueira da Foz, I, 139; «Nossa Senhora das Dores», que se venera na freguesia do Castelo, I, 139; «Nossa Senhora das Dores», Aveiro (colorido), I, 156; «Nossa Senhora das Dores», Celorico de Basto², I, 172; «Nossa Senhora das Dores», Aveiro, I, 179; «Nossa Senhora das Dores», Sinfães³, I, 182; «Nossa Senhora das Dores», I, 222; «Nossa Senhora das Dores», 231; «Nossa Senhora das Dores», de Santo António dos Olivais, II, 9; «Nossa Senhora das Dores», Figueira da Foz, II, 9; «Nossa Senhora das Dores», II, 23; «Nossa Senhora das Dores», Elvas, exemplar colorido, II, 23; «Nossa Senhora das Dores», II, 32; «Nossa Senhora das Dores», II, 32; «Nossa Senhora das Dores e Resgate», freguesia de Santa Catarina, Lisboa, II, 32; «Nossa Senhora das Dores», II, 49; «Nossa Senhora das Dores», II, 62; «Nossa Senhora das Dores», igreja de Santa Jústa (Lisboa), III, 11; «Nossa Senhora das Dores», 2 exemplares diferentes, III, 13; «Nossa Senhora das Dores», igreja da Graça, Lisboa, III, 15; «Nossa Senhora das Dores», de Belém, Lisboa, III, 15; «Nossa Senhora das Dôres», III, 15; «Nossa Senhora das Dores», Elvas, III, 15; sem designação, III, 16; «Nossa Senhora das Dores e Senhor

¹ Verdemilho, freguesia de Aradas. concelho de Aveiro.

² Celorico de Basto, concelho do distrito de Braga.

³ Sinfães, freguesia e cabeça de concelho do distrito de Viseu

Jesus dos Affitos», igreja de Nossa Senhora da Lapa, Lisboa, III, 25; «Senhor Jesus dos Affitos, Nossa Senhora das Dores», igreja de S. Crispim, III, 25; «Nossa Senhora das Dôres», Olivais, Coimbra, 4 exemplares diferentes, III, 71; «Nossa Senhora das Dôres», igreja da Estrela, Lisboa, 2 exemplares diferentes, III, 81; «Nossa Senhora das Dôres», Santo António dos Olivais, III, 84; «Nossa Senhora das Dôres», Santo António dos Olivais, 2 exemplares diferentes, III, 111; «Nossa Senhora das Dôres e S. Jesus das Almas», S. Miguel de Alfama, Lisboa (1.º bairro), III, 114; «Nossa Senhora das Dôres», igreja de Belém, colorido, Lisboa (4.º bairro), III, 130; «Senhor Jesus da Agonia e Nossa Senhora das Dôres, III, 141; «Veneranda Imagem de Nossa Senhora das Dores», Faial, Açores, exemplar fotografado, III, 148; «Nossa Senhora das Dores», Ponte de Lima¹, III, 152; «Nossa Senhora das Dores», Vale de Estevam², III, 152; «Nossa Senhora das Dores», Rua dos Embaixadores, Belém, exemplar grande, fotografado, III, 168; «Nossa Senhora das Dores», igreja de S. Nicolau, Lisboa (2.º bairro), III, 173; «Nossa Senhora das Dores», Capela de Santo António dos Olivais, IV, 63; «Nossa Senhora das Dôres», freguesia do Socorro, Lisboa (1.º bairro), IV, 63; «Nossa Senhora das Dôres», 2 exemplares diferentes, IV, 64; «Nossa Senhora das Dôres», 4 exemplares diferentes (2 com *Ecce Mater Tua*), IV, 66; «Nossa Senhora das Dôres», convento de S. Francisco (Angra), IV, 67; «Nossa Senhora das Dôres», IV, 67; «Nossa Senhora das Dores», 2 exemplares diferentes, IV, 87; «Verdadeiro retrato de Nossa Senhora das Dores», da igreja de S. Roque, Lisboa (2.º bairro), IV, 96; «Nossa Senhora das Dores», 3 exemplares diferentes, IV, 101; «Veneranda Imagem de Nossa Senhora das Dores, Augusta Padroeira da Creação Velha do Pico», *Dias da Costa, lithogr(aph)ou.*

Dorothea (Santa). — «Santa Dorothea V. M.», IV, 131.

Ecce homo. — ECCE HOMO, I, 122; «*Ecce-homo*, Verdadeiro Retrato da Imagem do Senhor Santo Christo dos Milagres», Ponta Delgada (Ilha de S. Miguel, Açores), III, 67; «*Ecce-homo*», igreja da Misericórdia de Aveiro, 2 exemplares diferentes, III, 135; «*Ecce-homo*», Tavira, III, 139; «*Ecce-homo*», III, 141; «*Ecce-homo*», Ponta Delgada, IV, 13; «Verdadeiro Retrato do Senhor *Ecce-homo*», misericórdia de Braga, IV, 20.

¹ Ponte de Lima, vila do distrito de Viana do Castelo.

² Vale de Estevam, freguesia de S. Lourenço do Bairro, concelho de Anadia (Aveiro).

Na capela do Senhor Jesus dos Mareantes, na matriz de Caminha, adora-se um *Ecce-homo* de cerejeira, que segundo a tradição foi pela água em 1539, por ocasião das lutas religiosas, dentro duma area que os marujos puxaram de Caminha. *Minho Pittoresco*, I, p. 180.

No número das imagens milagrosas (é o n.º 11 da série), dado por João Baptista de Castro, no *Mappa de Portugal*, p. 230 da edição de 1768, está um *Ecce-Homo* de grande devoção na cidade de Aveiro.

Ecce Mater.—«*Ecce Mater Tua*», IV, 79; «*Ecce Mater Tua*», IV, 101; «*Ecce Mater Tua*», que se venera na igreja da Casa do Espírito Santo da Congregação do Oratório, IV, 105.

Elena (Santa).—«*Santa Elena*», II, 23.

Elesbão (Santo)¹.—«*Santo Elesbão e Santa Ifigenia*», II, 40.

Elías ou Ellias².—«*Santo Ellias Profeta*», III, 51; «*Santo Elias Propheta*», IV, 173.

Eliseu (Santo).—«*Santo Eliseu*», II, 40.

Emfermos.—Vid. *Enfermos*.

Emigdio (Santo).—«*Santo Emigdio*», I, 214.

Emília (Santa).—«*Santa Emília Virg(em)*», I, 45; «*Santa Emília, Virgem*», IV, 131.

Encarnação.—Vid. também *Incarnação*; «*Nossa Senhora da Encarnação*», recordação da Figueira da Foz, 2 exemplares diferentes, 1 exemplar é colorido, I, 91; «*Nossa Senhora da Encarnação*», que se venera em Buarcos³, I, 91; «*Nossa Senhora da Encarnação*», que se venera na sua capela em Buarcos, 4 exemplares diferentes, I, 150; «*Nossa Senhora da Encarnação*», que se venera na sua capela em Buarcos, 2 exemplares diferentes, I, 151; «*Nossa Senhora da Encarnação*», Buarcos, 3 exemplares diferentes, II, 10; «*Nossa Senhora da Encarnação*», Buarcos, 2 exemplares diferentes, II, 93; «*Nossa Senhora da Encarnação*», 2 exemplares diferentes, II, 31; «*Nossa Senhora da Encarnação*», 2 exemplares diferentes, 1 colorido, II, 32; «*Nossa Senhora da Encarnação*», de Hombres, freguesia de S. Pedro de Alva⁴, II, 71; «*Nossa Senhora da Encarnação*», Buarcos, 2 exem-

¹ Santo Elesbão, Príncipe da Abissínia, é advogado contra os desastres no mar e contra a guerra, como S. Sebastião, S. Roque, etc.; festeja-se no dia 27 de Outubro.

² É advogado contra as estiagens. Festeja-se a 17 de Abril. No *Mappa de Portugal*, J. Baptista de Castro diz que foi presbítero, de Beja, martirizado em Córdova, nas perseguições dos maometanos, em 17 de Abril de 856.

³ *Buarcos*, freguesia e concelho da Figueira da Foz (distrito de Coimbra).

⁴ S. Pedro de Alva.—*Alva*, freguesia e concelho de Castro Daire (Viseu).

plares diferentes, II, 93; «Nossa Senhora da Encarnação», capela dos cônegos regrantes de Santo Agostinho, exemplar colorido, III, 15; «Nossa Senhora da Encarnação de Buarcos», III, 16; «Nossa Senhora da Encarnação», Buarcos, 2 exemplares diferentes, III, 77; «Nossa Senhora da Encarnação», 2 exemplares diferentes, III, 86; «Nossa Senhora da Encarnação», Buarcos, III, 152; «Nossa Senhora da Encarnação», IV, 87.

Nas *bandeiras*, e *ofícios da Casa dos Vinte e Quatro*, instituição de D. João III, confirmada por D. José em 1771 na *Nova Regulação*, de 3 de Dezembro, Nossa Senhora da Encarnação, representava e patrocinava os seguintes officios: carpinteiros de móveis, entalhadores, coronheiros. — Era a *Bandeira de Nossa Senhora da Encarnação*. (De um manuscrito da Biblioteca Nacional, 658, p. 78).

Encontro. — «O incontro da Senhora», IV, 16; «O incontro da Senhora», IV, 21.

Enfermaria. — «Nossa Senhora da Conceição da Enfermaria», S. Vicente de Fora, Lisboa, III, 129.

Enfermos. — «Nossa Senhora dos Enfermos», I, 218; «Senhor dos Enfermos», II, 56; «Nossa Senhora dos Enfermos», exemplar minúsculo, IV, 53.

Em Almargem do Bispo (freguesia e concelho de Sintra, distrito de Lisboa), há uma imagem antiga de Nossa Senhora dos Enfermos, a que se fazem boas romarias.

Mappa de Portugal, J. Bautista de Castro, 3.^a ed., II, p. 146.

Engrácia (Santa). — «Busto de prata de Santa Engrácia», com relíquias da mesma santa. Calçada dos Barbadinhos, Lisboa, III, 156; «Busto de prata de Santa Engrácia», com relíquias da mesma santa. Calçada dos Barbadinhos, Lisboa, III, 157.

Santa Engrácia nasceu em terras de Portugal. A caminho de Narbona, a fim de reunir-se ao espôso, encontrou em Saragoça as graves persiguições de Daciano aos Cristãos. Ela censurou-o, e foi açoutada com a sua comitiva de dezoito fidalgos, os quais protestando contra o castigo da donzela, foram todos degolados e queimados. Depois coube a sua vez à Santa, a quem cortaram, de tenaz, os seios e fizeram outras barbaridades. Vid. Duarte Nunes de Leão in *Descrição do Reino de Portugal*, fls. 74-75. O cadáver enterrado misteriosamente por S. Prudêncio, bispo de Saragoça, foi descoberto em dia 13 de Março de 1329, e é nesse dia que se celebra a sua festa.

É vulgar ouvir chamar a obras morosas «obras de Santa Engrácia» porque o templo de Lisboa da sua invocação nunca se concluiu, começado no séc. XVII, e recommçado ao depois,

Entêrro.—«Senhor do Entêrro», Figueira da Foz, II, 3.

Escolástica¹.—«Santa Escolástica», IV, 131.

Esperança.—«Nossa Senhora da Esperança», que se venera em *Santa Clara (Lisboa)*, *exemplar colorido*, I, 80; «Nossa Senhora da Esperança», que se venera em Santa Clara (Lisboa), (*Dores f(ez) ou f(ecit) 1863*), I, 80; «Nossa Senhora da Esperança» (Coimbra), III, 80; «Nossa Senhora da Esperança», Santa Cruz (Coimbra), III, 93; «Nossa Senhora da Esperança», capela de Santa Clara a Nova (Coimbra), III, 112; «Nossa Senhora da Esperança», Arganil², III, 169; «S. Jezus da Esperança», IV, 21; «Nossa Senhora da Esperança», IV, 67.

Espirito Santo.—«Divino Espirito Santo», capela no Vale de Santo António dos Olivais (Coimbra), (2 exemplares diferentes), I, 111; «Imagem do divino Espirito Santo», capela de Cavalari, em Lamego (Beira Alta), I, 116; «Divino Espirito Santo», Vale de Santo António dos Olivais, Coimbra; I, 122; «Divino Espirito Santo», Vale de Santo António dos Olivais (Coimbra), I, 123; «Espirito Santo», 2 exemplares diferentes, III, 8; «Espirito Santo», Valles de Santo António dos Olivais (Coimbra), III, 89; «Divino Espirito Santo», Santo António dos Olivais, III, 91; «Imagem do Divino Espirito Santo», III, 94; «Espirito Santo», «Imperio da Lapa», Ilha da Terceira, IV, 18; «O Divino Espirito Santo e Nossa Senhora dos Remedios», venerados na sua ermida ao Terreiro do Trigo (Lisboa), IV, 108.

*A cândida pombinha debuxada
Sôbre a única Phenix, Virgem pura.*

CAMÕES, *Lusíadas*, II, 11, v.º 3-4.

Em Coimbra, por ocasião da festa religiosa do Espirito Santo, no mês de Maio, há uma romaria a Santo António dos Olivais. Aqui, perto do santuário, estende-se, estrada fora, a quitanda dos vendedores de louças e curiosidades de barro. A volta para a cidade canta-se e há muitas desordens, tudo ao som rouco das campainhas de barro que se ouvem depois, dias e dias, na mão das crianças.

Na Ilha Terceira (Açores) é pitoresca a cerimónia das festas do «Senhor Espirito Santo», que vão desde o Domingo de Páscoa até o sexto Domingo depois. Cada freguesia tem uma coroa de prata, e tira à sorte quem são os sete «irmãos» que, um a um, iluminarão ao domingo, e hão de festejar e coroar. A coroa fica de ano para

¹ Santa Escolástica, festejada a 10 de Fevereiro, é advogada da chuva. Houve um concelho desta invocação, em Bragança. *Mappa de Portugal*, Bautista de Castro, II, 3.ª ed. 37.

² *Arganil*, freguesia e cabeça de concelho (distrito de Coimbra).

ano em casa do último que festejou o «Senhor Espírito Santo»; assim, a casa dele a irá buscar o primeiro de cada ano, em Domingo de Ramos, com convidados a cantar. E por oito dias, a casa do irmão que *corôa* tem luminárias, lá se reza o terço e há bailados. Ao fim vai um cortejo levar a coroa à igreja. No regresso vem com luzes e filarmónica: voltam a casa e segue-se o repasto, de que faz parte essencial a sopa do Espírito Santo, de muitas carnes e tempêros. E passa a coroa para o segundo *irmão* do *Império* que assim se chama a irmandade, repetindo-se a mesma série de festas. No derradeiro domingo (Pentecostes ou do Espírito Santo) e no seguinte, cada Império dá um bodo aos pobres que comem tudo préviamente benzido. Cada pessoa, que dá esmola ao Império, fica de lembrança com uma rosquilha de alfenim, ou outra prenda. Vid. in *Serões*, IV (2.^a Série), pp. 181-182, art. «A Ilha Terceira» de Luís da Câmara Reis; e *As Ilhas de S. Miguel e Terceira*, de Paula Nogueira, p. 45 sgs. com gravuras.

Estanislau (Santo).— «Santo Estanislau Kostka», I, 206.

Estevam (Santo)¹. «Santo Estevam», IV, 174.

Estrêlla. «Nossa Senhora da Estrella», 2 exemplares diferentes, sendo um deles colorido, I, 21; «Nossa Senhora da Estrella», I, 226; «Nossa Senhora da Estrella», ermida na freguesia da Redinha², II, 76; «Nossa Senhora Estrella», freguesia da Redinha, 2 exemplares diferentes, II, 77; «Imagem de Nossa Senhora da Estrella», Ribeira Grande³, exemplar grande, fotogravura, III, 146; «Milagrosa Imagem do Senhor Jesus da Estrela», capela do Marquês de Angeja, Lisboa, IV, 20.

Eufemia (Santa)⁴. — «Santa Eufemia», venera-se em Ovoa, 2 exemplares diferentes, 1 colorido⁵, I, 79; «Idem», 3 exemplares diferentes, I, 90; «Santa Eufemia», concelho de Pinhel⁶, I, 146; «Santa Eufemia», S. Martinho de Seia⁷, I, 146; «Verdadeira Imagem de Santa

¹ Santo Estevam é advogado contra os desastres no mar, assim como o são: Santa Mónica, S. Gil, Santo Elesbão. Tem dia de festa a 2 de Setembro. Advoga também a causa dos tecelões que o festejam no dia 2 de Setembro.

² *Redinha*, freguesia e concelho de Pombal (distrito de Leiria).

³ *Ribeira Grande*, freguesia e cabeça de concelho de Ponta-Delgada, Ilha de S. Miguel (Açores).

⁴ Santa Eufêmia era de Braga, filha de Atilio Régulo, e foi martirizada em 138. O cadáver é venerado na Sé de Orense, *Mappa de Portugal*, Bautista de Castro, II, 3.^a ed., p. 85.

⁵ *Ovoa*, freguesia e concelho de Santa Comadão (distrito de Vizeu).

⁶ *Pinhel*, cidade do distrito da Guarda.

⁷ *Seia*, vila do distrito da Guarda.

Eufemia», igreja da Misericórdia de Santar¹, I, 147; «Milagrosa Imagem de Santa Eufemia», Coimbra, I, 147; «Santa Eufemia», Celorico da Beira, I, 180; «Santa Eufemia», Soutelo², I, 181; «Santa Eufemia», Serra da Moita, freguesia de Mouronho³, II, 5; «Santa Eufemia», S. Pedro do Paraíso, concelho do Pôrto, II, 54; «Santa Eufemia Virgem Martir», II, 54; «Santa Eufemia», 2 exemplares diferentes, 1 colorido, II, 55; «Santa Eufemia», de Paranhos de Seia, II, 80; «Santa Eufemia», de Penedono, Lamego, II, 87; «Santa Eufêmia», exemplar minúsculo, II, 93; «Santa Eufemia», III, 35; «Santa Eufemia», III, 42; «Santa Eufemia», III, 45; «Santa Eufemia», Serra da Moita, freguesia de Mouronho, III, 99; «Martyr Santa Eufemia», Sazaes⁴ da Beira, III, 156.

Eugenia (Santa).—«Santa Eugenia», III, 31.

Eulalia (Santa).—«Santa Eulalia Virgem Martyr», 2 exemplares diferentes, II, 54; «Santa Eulalia Virgem Martyr Portugueza», IV, 135.

Fala.—«O Senhor Jesús da Fala», 2 exemplares, III, 2. Convento das Religiosas de Santo Alberto, Lisboa, fundado em 1584. Carmelitas descalças, Lisboa (4.º bairro).

Familia.—Sem indicação (Sagrada Familia), I, 36; «Assagrada Familia Jezus, Maria, Jose», III, 9; «Assagrada Familia Jezus, Maria, Joze», IV, 8.

Fão.—«Bom Jesus de Fão⁵», 1815, que se venera no seu Real Mosteiro, I, 11; o Prior de Santa Cruz mandou abrir.

Fé.—«Nossa Senhora da Fé», I, 232; «Senhor Jesus da Boa Fé⁶», 2 exemplares, um deles colorido, II, 2.

Febres.—«Nossa Senhora das Febres», que se venera na sua capela da freguesia do Covelo⁷, I, 81; «Milagrosa effigie de Nossa Senhora das Febres», que se venera no Boeiro⁸, 2 exemplares diferentes (*Dores f'ecit*) ou *f(ez)*, 1 em 1853 e outro em 1860), I, 82; «Nossa Senhora das Febres», que se venera em Miro, freguesia de Frimmes⁹, (Coimbra 10-902), I, 145; «Nossa Senhora das Febres», Corrélos¹⁰,

¹ Santar, freguesia e concelho de Nelas (distrito de Viseu).

² Soutêllo, há várias freguesias com êste nome.

³ Mouronho, concelho de Tábua (distrito de Coimbra).

⁴ Sazes, freguesia e concelho de Seia (distrito da Guarda).

⁵ Fão, freguesia e concelho de Espozende (distrito de Braga).

⁶ Boa Fé, freguesia e concelho de Évora.

⁷ Covelo, freguesia e concelho de Tábua (distrito de Coimbra).

⁸ Boeiro, concelho de Castanheda (distrito de Coimbra).

⁹ Frimmes, freguesia e concelho de Penacova (distrito de Coimbra).

¹⁰ Corrélos, freguesia de Saúde, concelho de Guimarães (Braga).

II, 96; «Virgem Nossa Senhora das Febres», na capela do Covelo de Cima¹, II, 67; «Nossa Senhora das Febres», do lugar de Perrães², II, 67; «Nossa Senhora das Febres», Corrélos, II, 96.

Felippe. — «S. Felippe de Neri», II, 44.

Felix³. — «S. Felix de Cantalicio», II, 44; «S. Felix, Santo Adrião, Santa Nathalia», III, 59.

Vid. *S. Felix*, noticia: *Grandezas de Lisboa*, Luís Marinho de Azevedo, liv. 4.^o, cap. VII e IX — As reliquias dêste Santo estão no Mosteiro de Chelas. É dêste que o registo celebra o martírio, e tem a sua festa no dia 1 de Agosto. *História Eclesiástica da Igreja de Lisboa*, D. Rodrigo da Cunha, I, 57 v, cap. 29.

Um outro S. Felix foi diácono de Santarém, martirizado em Gerona no dia 18 de Março de 277, nas perseguições de Aureliano. Jaz em Paris. *Mappa de Portugal*, J. Baptista de Castro, 3.^a ed. II, 98.

Fiéis de Deus (Santos). — «Nossa Senhora da Ajuda e Santos Fiéis de Deus», na sua igreja na Rua dos Caetanos, em Lisboa. (3.^o Bairro), IV, 77.

Fiel (S.). — «S. Fiel Martyr», III, 48.

Filomêna (Santa). — «Santa Filomena Virgem e Martyr», 2 exemplares diferentes, I, 78; «Nossa Senhora do Carmo e Santa Filomena» (Viana do Minho⁴), I, 226; «Santa Filomena», S. Bento da Ave Maria, Pôrto, II, 58; «Maria Santissima Rainha das Virgens, e Santa Filomena Virgem e Martyr», exemplar colorido, III, 101; «Santa Filomena, Virgem e Martyr», seminário de São Fiel, bispado de Castelo Branco, IV, 133. *J. J. Santos (fecit ou fez)*.

Fonte da Vida. — «A Veneranda Imagem do Senhor da Fonte da Vida», 2 exemplares diferentes, grandes, Barcelos (distrito de Braga), III, 142.

Francezinhas. — «O Senhor Jesus das Francezinhas», que se venera em Lisboa (4.^o bairro). *G. f(icit) ou f(ez)*, I, 10.

Francisca (Santa). — «Santa Francisca Romana», III, 39.

Francisco (S.). — Sem designação, I, 10; sem designação, 4 exemplares diferentes, I, 187; sem designação, 2 exemplares diferentes, I, 204; «S. Francisco», II, 61; «S. Francisco», exemplar muito re-

¹ Covelo de Cima, freguesia de Covelos, concelho de Táboa.

² Perrães, freguesia de Oyã, concelho de Oliveira do Bairro (Aveiro).

³ S. Felix de Valois, com festa no dia 20 de Novembro, é advogado de chapeleiros e funileiros.

⁴ Viana do Castelo.

duzido, II, 62; «S. Francisco *Patriarcha*», III, 198; sem designação, IV, 179.

Vid. *Chagas*.

Francisco de Assis (S.).—«S. Francisco de Assis», *Costa f(e)it* ou *f(ez)*, I, 64; «S. Francisco d'Assis», Figueira da Foz (distrito de Coimbra), I, 191; «S. Francisco de Assis», exemplar colorido, III, 49; «S. Francisco de Assis», III, 53; «S. Francisco de Assis», 2 exemplares diferentes, III, 55; «S. Francisco de Assis», 62; «S. Francisco de Assis», capela do Hospital da Ordem Terceira da cidade de Lisboa, III, 125; «S. Francisco de Assis», *Vieira Lusitano inventou*, IV, 164; «S. Francisco de Assis», IV, 164; «Patriarcha S. Francisco de Assis que veneram os filhos da Terceira Ordem, da cidade de Lisboa, na capela do seu hospital na Rua Nova dos Martires», mandada fazer (a gravura) por Pedro Gomes, no dia 21 de Setembro de 1862, IV, 178; «S. Fran(cisco) de Assis», *God(inh).º f(ceit)* ou *f(ez)*, IV, 180; sem indicação, mas igual ao precedente, *God.º f.*, IV, 180.

Escreveu D. Francisco Manuel de Melo o livro impresso em Lisboa, 1647, in-8.º: *El Mayor pequeño vida, y Muerte del Serafím humano Francisco de Assis*.

É longa já a bibliografia do que se tem escrito do *poverello* de Assis.

Francisco de Borja (S.).—«S. Francisco de Borja», I, 211; «S. Francisco de Borja», II, 45; «S. Francisco de Borja», III, 62; «S. Francisco de Borja» (fotogravura), III, 175.

Francisco das Chagas (S.).—«S. Francisco das Chagas», *J. C. V.ª Nova del(ineou) e sculp(in)*. *Discip(ulo) de L. M. L. Vasc(once)los (Pôrto?)*, I, 66.

Francisco de Paula (S.).—«S. Francisco de Paula», III, 51; «S. Francisco de Paula», 2 exemplares diferentes, III, 62; «S. Francisco de Paula», III, 124; «S. Francisco de Paula», 196; «S. Fr.º de Paula» «*Fundator Ordinis Minimorum*», IV, 165; «S. Francisco de Paul» «Fundador Min.», IV, 176.

Francisco de Salles (S.).—«S. Francisco de Salles», III, 60; «S. Francisco de Salles», Príncipe e Bispo de Genebra, *Aguilar Lisboa, 1813*, IV, 166.

Há em português a obra: «Livro de ouro que contém a introdução à vida... das obras de S. Francisco de Salles». Lisboa 1765, in-4.º

Francisco Xavier (S.).—«S. Francisco Xavier», 2 exemplares diferentes, I, 14; «S. Francisco Xavier», I, 66; «S. Francisco Xa-

vier», 2 exemplares diferentes, I, 187; «S. Francisco Xavier», Padreiro da India, Igreja do Socorro, Lisboa, II, 66; «S. Francisco Xavier», III, 49; «S. Francisco Xavier», III, 117; «S. Francisco Xavier», fotografura, III, 175.

S. Francisco Xavier é o Apostolo da India, nascido na Navarra, foi como Evangelizador da India prégear a religião de Cristo ao gentio do sertão malabárico. Fr. João de Lucena escreveu d'ele em 1600 a *História da vida do Padre Francisco Xavier*, Lisboa. Na India tem uma adoração especial no seu templo monumental de Velha Goa; é creença local que o santo, picado com um alfinete, sangra. É advogado contra as tempestades, e festeja-se a 3 de Dezembro, no templo do Bom Jesus, de Velha Goa.

Franciscus (Sanctus).—«*Noster Sanctus Franciscus*», III, 52.

Franqueira.—«Milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Franqueira», freguesia de Pereira, Barcelos (distrito de Braga), III, 19.

Freixo¹.—«Imagem de Nossa Senhora do Freixo», que se venera em Macedo de Cavaleiros², I, 140.

Fructuoso (S.).—«S. Fructuoso M.», que se venera no Seminário Episcopal de Coimbra (2 exemplares diferentes), I, 115; «S. Fructuoso M.», no Seminário de Coimbra, III, 117.

S. Fructuoso Abade: nasceu na aldeia de Constatim nos arredores de Vila Real de Trás-os-Montes. Faz-se a sua festa aos 16 de Abril. Está enterrado na matriz da sua freguesia.

S. Fructuoso Arcebispo de Braga, antes Bispo da Igreja de Dume, foi enterrado em «hum moesteiro que se chama, São Fructuoso, »visinho da igreja de Dumio junto com Braga» e daí trasladado para Santiago de Compostela. Celebra-se lhe a festa no dia 16 de Abril. Vid. *Descripção do Reino de Portugal*, Duarte Nunés de Leão, 1610, fls. 83 v, 118 v, 119.

Vid. também na *Corografia de Portugal*, cap. II, «das freguesias »do termo da vila de Villa Real» I, 519, *Constantim*.

Gabriel.—«Rafael, Uriel, Gabriel, Micael, Sealtiel, Iuhdiel, Barachiel» (arcánjos) IV, 180.

S. Gabriel recorda o Mercúrio greco-romano, em mister de cor-reio divino. É personagem alada do primeiro grau dos Anjos. In-

¹ *Nossa Senhora do Freixo*, é uma invocação semelhante à de Nossa Senhora da Toca, da Oliveira, da Azinheira, da Lapa, da Lomba, etc. em que o nome comum tem attribuição especial de milagre, primitivamente.

² *Macedo de Cavaleiros*, concelho do distrito de Bragança.

terveio junto do Profeta Daniel (*Prophetia Danielis*, caput VIII, 16, *Gabriel fac intelligere istum visionem* e 17 a 26) e serviu de intermediário das comunicações celestes com Zacarias (*Evangelium secundum Lucam*, I, 11, «*Apparuit autem illi Angelus Domini*»), e com a Virgem Maria (id. id. 28, *Ave gratia plena: Dominus tecum*.)

Gaspar. — «Verdadeire retrato do B(eato). P(adre). F(rei). Gaspar Bono», da Ordem dos Minimios de S. Francisco de Paula, II, 65; «S. Gaspar de Bonos», III, 61.

Genoveva (Santa). — «Santa Genoveva Princeza de Barbante», I, 48; «Santa Genoveva», III, 104.

Gens (S.). — «Nossa Senhora do Monte, S. Gens, Santo Agostinho» (Altar de), Lisboa, I, 178; «Nossa Senhora do Monte, e S. Gens», Lisboa, III, 101; «Nossa Senhora do Monte, e S. Gens», Lisboa, III, 125; «S. Gens, Bispo de Lisboa», 2 exemplares diferentes, III, 192.

Vid. in *Fundação, e antiguidades, e grandezas da cidade de Lisboa*, de Luís Marinho, Lisboa 1753, cap. XVIII: «Das muitas Ermidas, que ha neste Reyno da invocação de S. Gens . . . que foy Bispo de Lisboa», Livro III, pag. 72.

Lisboa; vid. *História Ecclesiástica da Igreja de Lisboa*, D. Rodrigo da Cunha, I, cap. XII, pag. 27 v.

George (S.). — Vid. *Jorge S.*

Geraldo (S.). — «S. Geraldo», 3 exemplares diferentes, I, 184, «S. Geraldo», II, 81.

As festas populares dêste Santo, em Braga, ligam-se com as de S. João, em Junho. Incluem danças históricas, como a de David, com o rei barbado e comitiva de pastores. S. Geraldo, nascido em Cahors (França), foi arcebispo de Braga no tempo do Conde D. Henrique. «Tende Deos feito por este seu Sancto muitos milagres, hauendo muitos annos que era Arcebispo, stando visitando »hũ lugar que chamam, Bornes, em terra de Barroso, falleceo. Sua festa se celebra a cinco de Dezembro». *Descripção do Reino de Portugal*, Duarte Nunes de Leão, fol. 119 v, 120.

O sino das horas, da torre norte da Sé de Braga, chama-se de S. Geraldo. A tradição diz que tocava quando o Arcebispo saía do Paço. (*Memórias de Braga*, de Contador de Argote, liv. VI, cap. IV. n.º 544, pag. 357).

Geronimo. — «O B(eato). Francisco de Geronimo», III, 60.

Getrude. — Vid. *Gertrudes*.

(*Continua*).

LUIZ CHAVES.